

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM01-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> Cidália <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0501_02 <b>faixa:</b> 1L0502A <b>min:</b> 04:53-07:22	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A vinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 01	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Imagine que eu tinha ali um terreno sem nada e que queria ter vinho depois, ao fim de um ano ou dois. Qual é o trabalho todo que eu tenho fazer até ter vinho?*

INF1 (...) Até ter o vinho? Primeiro é, já sabe, é amanhar a vinha, pôr-lhe...

*INQ1 Não, mas o terreno não tinha lá nada ainda.*

INF1 Ah, não tinha nada?!

*INQ1 Nada.*

INF1 Pois. E depois queria passar a vinha, não era?

*INQ1 Queria... Exacto.*

*INQ2 Queria plantar vinha.*

INF1 Pois. (...) Tem que ser: o terreno tem que ser cavado bastante fundo, que a vinha (...) convém ficar com o terreno cavado bastante fundo. Agora até há máquina; (...) dantes era (...) a braços. Era umas brigadas de homens (que serviam). Uns ganhavam a jorna, outros iam até emprestados, trocados – não é? – cavar o terreno já destinado para a vinha, já mais fundo do que sendo para amanhar (...) outras coisas da agrícola. O milho ou a batata já não precisava de ser tão fundo. Mas para a vinha é preciso sempre mais fundo.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF1 E depois plantava-se o bacelo. Depois ao fim de um ano de o bacelo estar plantado, enxertava-se o bacelo. Punha-se-lhe o garfo – chamam-lhe eles o garfo, exactamente – e depois então desse garfo (...) é que se formava a dita parreira, a dita cepa, que dá as uvas então. Depois a partir daí tem que se curar, tem que se andar a tratar, para aí todas as semanas, uma vez ao menos, tem de se andar a tratar para não lhe dar o míldio – chamam eles o míldio – que é a moléstia (...) da vinha. E até, (...) de vez em quando, ainda aparece. Isso estraga muito as uvas. Isso dava um trabalhão assim! Dava e continua a dar ainda.

*INQ2 Pois.*

INF1 Mas nos outros tempos a calda era feita manualmente; era (...) com o cobre, chamavam-lhe o sulfato de cobre.

*INQ2 Sulfato de cobre.*

INF1 Sulfato de cobre. Depois temperado (...) com a calda, ou com cal mesmo, com cal virgem, que não se podia realmente, (...) nem dar uma percentagem maior (...) que o devido de cal, nem também ficar (...) só o sulfato. Tinha-se que pôr aquilo lá dentro com uma certa (medida). E depois (...) era temperado com um papelinho, um papelinho pequenino, que era branco, e depois de se acravar, ia-se acravando (...) na calda até começar a mudar de cor.

*INQ2 Assim, que eu depois começa-se-me a arrefecer esta mão.*

INF1 Depois de estar a mudar...

*INQ2 Ai, que... Estou com esta mão aqui esticada, fico com a mão gelada.*

INF1 (...) E depois é que se via que estava já boa para isso.

INF2 Aqui (...) faz muito frio também nesta casa.

*INQ2 Deixe estar, deixe estar.*

INF1 E depois tratavam-se assim as vinhas até chegar à altura da vindima. Na altura da vindima, vindimam-se as uvas. Depois, (...) ainda agora mesmo – é o caso ainda aqui nas nossas aldeias –, ainda é pisada a pés, as uvas, dentro duma dorna ou dum lagar. Agora já é mais lagares, mas noutros tempos era mesmo dentro da dorna – dentro (...) dum lagar, do lagar (...) de vinhos. E depois dali então é que era (...) transportado (...) para as vasilhas, (...) e lá fervia o mostro. E depois então é que passado (...) uns dois meses ou quê, está o vinho feito – está o dito vinho.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM02-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0501_02 <b>faixa:</b> 1L0502B <b>min:</b> 01:39-02:16	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> As alfaias agrícolas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 02	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ E depois já começou a aparecer estas debaixo?*

INF É o carro volante, pois.

*INQ E aquelas...*

INF Isto, por exemplo, (...) esta parte é o cubo, aquilo são os raios (...) da roda...

*INQ O cubo, era a parte central de madeira, não é?*

INF É o cubo. É pois, exactamente. É esta parte que está aqui, redonda; é a parte central.

*INQ Rhum-rhum.*

INF E depois aqui isto (...) eram uns raios que ainda agora se usa.

*INQ Sim senhor.*

INF Ainda agora eu disse ao gajo qualquer coisa assim parecida.

*INQ Rhum-rhum. E depois um dos...*

INF (...) E depois era ajustar onde chamam-lhe as pinas.

*INQ Em cada uma.*

INF Em cada roda. (...) São várias peças, não é?

*INQ Rhum-rhum.*

INF Parece-me que (...) cada raio desses tem... (...) Cada dois raios tinha uma pina destas, oh, essa parte aí em cima.

*INQ E no cubo havia umas braçadeiras de ferro?*

INF Era, exactamente. Era. Braçadeiras, essas já não sei bem como é que eram os nomes delas.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM03-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> Cidália <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0501_02 <b>faixa:</b> 1L0502B <b>min:</b> 07:25-08:59	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> As alfaias agrícolas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 03	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

INF1 Sabes como é que é aquela coisa (...) que eles põem em cima (...) dos burros para acartar estrume e aquilo tudo assim, e como é que chamam aquilo?

INF2 As cangalhas. É. Não?

*INQ1 Deve ser.*

INF1 Não é bem isso. Também são as cangalhas, mas não é isso. Não.

INF2 As cangalhas. Para pôr as carumas em cima, ou os sacos, ou alguma coisa?

*INQ1 Sim.*

INF2 É as cangalhas.

INF1 Pois, são as cangalhas talvez.

*INQ1 De madeira?*

INF2 De madeira (...) com uns pauzinhos (...).

INF1 Não. (...) Mas, quer dizer, mas é aquilo (...) em verga.

INF2 É os ceirões!

INF1 É os ceirões, pronto. É isso mesmo.

INF2 Em verga é os ceirões, agora em madeiras...

*INQ2 Que era só uns de verga?*

INF1 (...)

*INQ1 Isso serve para quê, os ceirões? Para transportar...*

INF1 É (...) para transportar...

INF2 É para transportar qualquer coisa à mesma, ou da (.../N), (...) ou horta (...).

INF1 Até para a praça levam. Isso havia os alforges... Havia um alforge que era (...) tecido no tear, como a gente aqui fabrica.

*INQ1 ...*

INF2 Uns alforges.

INF1 Uns alforges.

INF2 É quando iam às praças...

INF1 Noutro tempo era tudo a pé, mas depois mais tarde passou a ser tudo no burro.

INF2 Era tecido no tear um bocado de pano, que é assim (...) de trapo, em passadeira. Mas era um bocadinho mais largo que a passadeira.

INF1 E daí faziam logo os alforges.

INF2 E depois dobravam um bocado, e outro dali...

INF1 Faziam dois bolsos, um de cada lado.

*INQ2 Pois, pois.*

INF2 Faziam dois bolsos, e lá é que punham a horta, ou feijão, (...) ou aquilo que quisessem lá pôr. As compras que faziam (...) no mercado.

INF1 Iam ao mercado, faziam o mercado (...) com isso.

INF2 E então isso é que eram os alforges. E para irem às vezes buscar lenhas ou qualquer coisa, então era isso...

*INQ1 As cangalhas?*

INF2 As cangalhas.

INF1 As cangalhas.

INF2 Ou que às vezes iam buscar cântaros de água longe, que não tinham potes, e punham lá uns cântaros de água (...).

*INQ1 Ou então os ceirões?*

INF1 Ou então os ceirões.

*INQ1 Os ceirões de verga.*

INF2 Os ceirões ou as cangalhas.

INF1 De verga, exactamente.

INF2 Qualquer dessas coisas...

*INQ1 Os cangalhos eram em madeira?*

INF1 Eram em madeira, exactamente, é. Já feitos de propósito com aquelas curvas (...).

INF2 Em madeira. Eram de madeira, (...) com aquela curvazinha, e depois tinha uns pauzinhos para segurarem o que lá queriam pôr. Os pauzinhos é levantados.

INF1 Pois é. No tempo (...) da escravidão é que era isso tudo assim.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM04-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0501_02 <b>faixa:</b> 1L0502B <b>min:</b> 12:51-14:01	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A agricultura – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 04	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Olhe, portanto, como é que se chama aquele local que se, que normalmente as pessoas têm atrás da casa onde se cultivava um pouco de tudo, para, para a casa?*

INF É o quintal. É o quintal.

*INQ1 Mas quando a sua mulher falou na, na, na fazenda, o que é? Portanto, fazia, "o meu marido tem aqui uma fazenda", ou a fazenda é, é tudo?*

INF Pois, é tudo. É o conjunto todo. É as fazendas. Por exemplo, em vez de ser um... Uma (...) é a fazenda porque ele a gente tem uma aqui, tem outra acolá, por aquele lado às vezes tem... (...) No conjunto, elas todas é as fazendas. (...) Ou "foi a uma fazenda", ou é assim, não é?

*INQ1 Ah, portanto, aquilo... Portanto...*

*INQ2 Fazenda, portanto, é um terreno de cultura?*

INF1 Exactamente: terreno de cultura. E depois ele a parte agarrada (...) à habitação é o quintal.

*INQ1 Rhum-rhum.*

*INQ2 Rhum-rhum. E aí nessa parte agarrada à habitação o que é que se cultivava normalmente?*

INF (...) Olhe, é as hortas e é, também, conforme é o tamanho dele: se é pequenino, (...) põem lá umas cebolazitas, ou umas alfaces e umas couvitas; quando é grande, até milho lá semeiam, que é o meu caso. O meu é bastante ainda grande.

*INQ2 Portanto, mesmo no seu quintal? Pode semear milho?*

INF Mesmo no meu quintal. Exactamente: milho, feijão e isso tudo assim.

*INQ2 Portanto, depende do tamanho da, da fazenda, não é?*

INF Exactamente.

*INQ1 Pois.*

INF Porque quando é pequenino não dá para semear tudo, não é? (...)

*INQ2 Mas essa parte de, do milho, também lhe chama horta, ou não?*

INF Não, não. (...) Isso não.

*INQ2 A horta é só...*

INF A horta é só o que se destina, por exemplo, (...) às couves, aos nabos (...) e a isso assim.

*INQ2 À comida de casa.*

INF Agora o mais (...) já não chamam hortas.

*INQ2 Rhum-rhum.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM05-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503A <b>min:</b> 12:11-12:58	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 05	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05	

*INQ1 Portanto, antes de haver os fogões a gás, havia fogões a quê?*

INF Era a lenha, na lareira,

*INQ1 E tinham lá...*

INF com aquelas panelas de ferro –

*INQ1 Sim senhor.*

INF umas panelas próprias de ferro –, com aquelas três pernas assim compridas, (...) e era assim. E pendurávamos até num gancho. Vinha lá de cima (...) do meio da chaminé para baixo esse gancho, e pendurava-se a panela nesse gancho (...)... Fazia-se a fogueira por baixo. Servia para fazer a comida e para a gente se aquecer, ao mesmo tempo.

*INQ2 Claro.*

*INQ1 Portanto, nunca houve homens que vivessem desse trabalho de apanhar lenha para vender ou para?...*

INF Não, não. Quer dizer, já há muitos anos coziam por aí cal. Havia uns fornos de cal, e depois até iam para cima... Ele com uma escada, subiam... Vidas arriscadas! Iam para cima do pinheiro, derramar o pinheiro para depois venderem essa lenha (...) para cozer fornadas de cal.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Agora também já por aqui não se usa assim muito isso.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM06-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503A <b>min:</b> 13:01-12:58	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 06	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Mas, por exemplo, o senhor precisava de lenha aqui para casa. Ia buscar...*

INF Sim, sim. (...) Ia buscar (...) ao meu pinhal, cortava o pinheiro (...) que estava (...) mais doente (...), ou seco já, (...) ou com um defeito, que já não tinha crescimento; a gente desbasta, tira (...) esse pinho assim e era daí que fazíamos a lenha (...) para (se) servirmos dela.

*INQ1 Aquelas pequeninas dos lados, como é que chamava a essa lenha pequenina? Que até que normalmente era quando a gente acen-, é a primeira que se acendia para fazer a chama, para depois...*

INF (...) Chama-se-lhe a 'samalha' do (...) pinheiro.

*INQ1 A?...*

INF A 'samalha'.

*INQ1 Depois...*

*INQ2 A 'samalha' é aquela miudinha?*

INF É aquela miudinha, pois.

*INQ1 Depois havia os grossos...*

INF Os grossos é a ramada. A ramada dos pinheiros.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Ou ramos ou a ramada.

*INQ1 Que eram aqueles. Portanto...*

INF Tem aqueles troncos mais grossos (...) que dá, que sai do (...) pinho, (...) do próprio pinheiro, (...) e alarga para além e depois é nas pontas, (...) aquela 'machuqueira' de (...) caruma (...) é que a gente chamava-lhe, (...) por exemplo, essa ramada.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF A ramada (...) do pinheiro. E os outros era os ramos.

*INQ1 Os ramos?*

INF Pois.

*INQ1 Depois aqueles grossos que não se podiam pôr inteiros?...*

INF (...) Eram cortados em bocados à medida, mais ou menos, como a gente entendia que era preciso (...) para pôr na (...) fogueira, (...) no lume. (...) Traçava-se isso ou com uma machada ou com um serrote.

*INQ1 Traçar?*

INF Sim, traçar, exactamente.

*INQ1 Rhum-rhum. Mas mesmo aquela do pinho, do pé grosso...*

INF Do pé?

*INQ1 Cortavam-se assim uns bocados...*

INF Uns bocados, e depois (ele) faziam-se as achas (...) desses toros (...) para queimar então ao lume.

*INQ1 Pronto. Inteiro chamava-se um toro, não é?*

INF Um toro. E depois (...)

*INQ1 Pois.*

INF era, exactamente, com (o toro), fazia-se em achas (...) para pôr na fogueira. Cá até lhe chamam cavacas. Faziam...

*INQ1 É o nome de cá?*

INF Exactamente. (...) Fazem-se as cavacas...

*INQ2 Mas as cavacas são pequenas também? Ou são, são bocados...*

INF São tiradas (...) desses toros assim mais ou menos desse tamanho.

*INQ2 Assim? Desses toros desse tamanho?*

INF Pois. E aquilo era rachado assim depois.

*INQ2 Rachado chama-se uma cavaca?*

INF Uma cavaca, sim.

*INQ1 Rhum-rhum. E depois da cavaca não se fazia mais pequeninos? Portanto, a cavaca era...*

INF Não, não. (...) Era queimada assim.

*INQ1 E com as cavacas fazia-se assim um monte, era uma quê?*

INF (Ele) era um monte de cavacas. Deixavam sempre um monte de cavacas. Era sempre isso.

*INQ2 Cavacos nunca se chama?*

INF Cavacos só o que se refere... A gente (...) refere-se a cavacos quando é (...) os bocaditos pequenos (...) da ramada assim de cima.

*INQ2 Ah! Pois.*

INF (Isso) é que é os cavacos, que é aqueles (toros) delgaditos. Olha, cavacos de pinheiro. "Acendi a fogueira com uns cavaquinhos de pinheiro".

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Também se fazia.

*INQ1 Ah!*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM07-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503A <b>min:</b> 18:11-19:12	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A criação de gado – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 07	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 E aqui dava-se nomes diferentes aos pastores, consoante eles guardassem ou cabras, ou ovelhas, ou?...*

INF Não. Era sempre pastor à mesma. Era sempre pastor. Tanto faria ser ovelhas, não havia essa distinção de ovelhas ou cabras. Quando se é, sempre é um pastor: pastor de cabras ou pastor de ovelhas.

*INQ1 Rhum-rhum. Guardava o quê? Guardava o?...*

INF Guardava ovelhas ou guardava coisa, ou guardava... Outros guardavam cabras.

*INQ1 Rhum-rhum. Mas de outro gado nunca se costuma guardar assim?*

INF Não, por aqui não. Aqui só se trazia à solta eram as cabras ou as ovelhas.

*INQ1 Mas nunca houve grandes rebanhos aqui?*

INF Houve, houve.

*INQ1 Houve?*

INF Noutros tempos até muitos. (...) Olha cá! (...) Cada casa tinha e cada morador tinha um rebanho de ovelhas. E em vez de mandar os filhos, muitas vezes, para as escolas, (...) iam era (...) a guardar as ovelhas. Não havia escolas senão (...) um bocado desviadas. Por exemplo, havia uma, eu sei lá, na sede da freguesia e (...) nos lugares não havia escola. E depois, os pais tinham sete ou oito filhos – não é como agora – e punham sempre o mais velho, e depois a seguir ao mais velho, era o segundo, e depois a seguir era o terceiro, e assim ia indo por aí afora. Até que mais tarde veio a lei – que havia de ter vindo mais cedo – (...) pôr a malta...

*INQ2 A estudar?*

INF Pois. Que foi como o meu caso, já tive de estudar depois em adulto.

*INQ2 Pois.*

INF Fiz a quarta classe mas foi já com muito esforço, não é?

*INQ2 Pois, pois. Claro.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM08-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503A <b>min:</b> 21:22-22:36	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A criação de gado – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 08	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Então, o pastor dizia que andava a guardar o quê? O?...*

INF A guardar as ovelhas, se era pastor de ovelhas; e se era de cabras, dizia que andava a guardar as cabras.

*INQ1 Rhum-rhum. E ia e vinha todos os dias?*

INF Sim, sim, sim.

*INQ1 Portanto...*

INF Ia de manhã e vinha à noite. Quando é na época do Verão, vinha-se (...) ao meio-dia com o gado ao curral, porque fazia muito calor. E o gado (...) nem pastava (...) porque o calor era muito, (...) e o pastor também não se aguentava muito bem por lá (...) com o calor. E depois vinha e abriam o gado assim já mais rente à noite, mais pela fresca, e iam levar as ovelhas até aos bebedoiros, que eram (...) – chamava-lhe a gente os barreiros – aí (...) pelo campo fora, que isso já não (...) existe agora. Naquele tempo, vedavam a água até ao fim do Verão, e agora, conforme a água chega, aquilo rompe-se caminho. (Porque) dizem eles, e eu acredito, que era: havia tanto gado, pisavam tanto aquilo,

*INQ2 Ah!*

INF iam pisando, aquilo (...) faz de conta (...) que era um acimentado que faziam (...) com as patas dos animais.

*INQ2 Que giro!*

INF Isso deixou de existir e agora as lagoas, os barreiros, enchem-se de água, daí por quinze dias ou três semanas se não chover já não têm nada. É isto assim.

*INQ2 Engraçado!*

INF E levavam-se os bois mesmo também a beber (...) aos barreiros. (...) Não havia poços assim

*INQ2 Pois.*

INF (...)... A maior parte das pessoas não tinham poços que dessem para abastecer (...) o gasto da casa.

Pois levavam os seus bois

*INQ2 Pois.*

INF para uns barreiros assim além, longe. (...) Era só bois a passar por esses caminhos além, (...) que iam beber aos bebedeiros.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM09-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503B <b>min:</b> 00:08-01:03	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O gado vacum	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 09	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Quando o vitelo acaba de nascer, a vaca o que é que costuma fazer com a língua?*

INF É lambê-lo. (...) É zelá-lo (...) com a língua. Era sempre a lamber nele. (...) E não se podia lá chegar muito perto de alguns, que nós tivemos aí, que eles com aquela soberba... Eu cheguei a apanhar (...) algumas coisas perigosas com isso. Não conhecia. Se tinha a vaca por muito mansa até àquela altura, facilitava nela, chegava lá, ele uma vez aconteceu que se não me acodem, ela (...) bem dava conta de mim, não é?

*INQ2 Mas é... Dava conta... Mas à cornada ou?...*

INF Pois, à cornada, (...) sôfrega, não é? (...)

*INQ2 Com a aflição que tinha.*

INF Com aquela soberba de ter a cria ao pé, isso abria a boca e berrava, e corria a gente (...) com a cornada, como o toiro, aí esse, por exemplo, que anda aí (...) nas praças de tourear.

*INQ2 Claro, claro.*

*INQ1 Elas ficam, ficam mansas...*

INF E depois passado dois ou três dias, já não é nada com elas, já não é nada disso. (...) A vaca volta (...) outra vez (...) ao normal, não é?

*INQ1 Ao normal.*

*INQ2 Ao normal.*

INF Já se prendia e soltava-se. Mas às vezes para um homem a prender!... Porque a gente depois de ela estar umas horas com o vitelo, tornava-se a prender, não é?

*INQ2 Pois. Pois, pois.*

INF E para a levar à prisão é que era o problema.

*INQ2 Claro.*

INF E isso calhava-me tudo a mim, porque os meus irmãos nunca ligaram a isso.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM10-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503B <b>min:</b> 04:18:05:00	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O gado vacum	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 10	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 E aquilo, aquela armação de madeira onde se punha a comida para eles comerem em baixo?*

INF A manjedoura.

*INQ1 E para beberem água?*

INF (Pois ele) nesse tempo iam todos beber ao bebedeiro (...)

*INQ2 Pois.*

INF mas chamam-lhe... Agora, é então com baldes. (...) Dão-lhe água a baldes. E até há bebedeiros... Até cheguei a ter bois à engorda e era bebedeiros automáticos: o animal mesmo é que disparava. (...)

*INQ1 Ah! Portanto, isso era mais...*

INF (...) Ele põe lá a tromba, carrega numa palazinha assim para baixo, e a água (...) fica a alimentar...

*INQ1 A correr?*

*INQ2 E eles sabem fazer isso?*

INF (...) Habitua-se. Não, que não se habitua! Já a gente estamos descansados.

*INQ2 Que engraçado!*

INF Depois (...) temos o motor que tira água do poço, a gente vai aí para qualquer lado e não precisa de andar lá com a (...) coisa.

*INQ2 Pois, pois.*

INF Só era perigoso era se houvesse uma coisa qualquer que prendesse essa tal dita pala, e depois ficasse presa e depois a água ficava a saltar fora.

*INQ2 Ah, pois, pois.*

INF Mas isto nunca me aconteceu, (...) mas sei que isso podia-se correr esse risco, não é?

*INQ2 Pois, pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM11-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503B <b>min:</b> 05:14-05:56	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O gado vacum	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 11	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05	

*INQ Não há nada a que se chame a gamela?*

INF Sim, há. Há, sim senhora.

*INQ Então o que é?*

INF Mas isso era para dar mais umas... Chamam-lhe dar uma palhada, (...) que era a palha remolhada (...) com sêmea. Chamam sêmea que era farinha mas era a sêmea (...) da tal dita casca do trigo e disso assim.

*INQ Sim.*

INF E depois então é que davam: "Vou dar uma palhada". Quando era na época do Inverno é que usavam mais isso. Davam a palhada aos bois ou às vacas, e era numa gamela realmente dessas, que o meu pai que Deus tem...

*INQ De madeira?*

INF Sim, de madeira. O meu pai (...) que Deus tem, mandou fazer duas gamelas dessas para dar assim (...) a palhada aos bois.

*INQ Que giro!*

INF Ia-lhe molhando a palha, ia-lhe pondo (...) aquelas mancheias (...) de sêmea por cima,

*INQ Pois.*

INF e depois ainda também leva outra camada, e punha aquilo à frente dos bois e os bois comiam a palha. Porque (...) não sendo assim, eles a palha mandavam-na comer ao dono. [Risos] Eu não a queria! (...)

*INQ Chamava-se palhada?*

INF Era palhada, sim.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM12-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> Cidália <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503B <b>min:</b> 08:29-11:18	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A lã	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 12	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Portanto, aquele trabalho...*

INF1 Um velo. Um velo de lã.

INF2 Um velo.

*INQ1 O que se tinha que fazer à lã?*

INF1 (...) Primeiro (...) lavá-la, depois carpeá-la... Não sei se quer isto (...) mais compassado.

*INQ1 Diga, diga. Diga tudo.*

INF1 Lavada, carpeada (...) e depois cardada.

*INQ1 Que era o quê?*

INF1 O cardador, que era com umas cardas, assim a passar, que (...) era tudo feito assim (...) à mão. Mais tarde vieram as fábricas.

*INQ1 Mas isso era trabalho que não era feito pelos senhores? Era pelos donos dos...*

INF1 Não, não, não, não. Isso (...) eram uns indivíduos já especializados nisso, que andavam no campo para ganhar o seu. (Depois viviam) de lugar em lugar, sabiam onde é que havia as zonas das ovelhas e (...) vinham fazer essas cardas assim, cardar. Porque essa lã... Agora mais tarde, passaram a vender (...) as lãs, mas ali, a maior parte da lã faziam-na mesmo para fabrico próprio. Cardavam a lã, lavavam-na, (...) carpeavam-na, e depois tinha que ser carpeada (...) à mão,

*INQ1 Carpeada, diz que é assim com a mão, não é?*

INF1 e depois é que ia ser cardada. E depois as mulherzitas quase todas sabiam fiar com aquele fusozico, de torcer na mão, e daí faziam umas camisolas que a gente usava para guardar o frio. E guardavam bem o frio enquanto se não molhavam. Mas em se molhando, um homem (...) via-se à rasca (...) para as conduzir a casa que ensopavam muito a água.

*INQ2 Ah!*

INF1 (Pois é). Mas eram (...) umas camisolas que enquanto (...) não se molhassem, realmente o frio não entrava.

*INQ1 Não entrava.*

INF1 Eram homens mesmo é que teciam isso (...) com aquelas duas agulhas.

*INQ2 Ai, era, era um trabalho de homens?*

INF1 Eram homens mesmo que faziam isso. Era, era.

*INQ2 Que engraçado!*

INF1 Até parte deles eram pastores. (...) Andavam a guardar o gado e andavam (...) com a coisa aqui assim ao pescoço (...) e a (...) fazer as camisolas por lá e a guardar o gado ao mesmo tempo.

*INQ2 Que giro!*

INF1 Eu não. Por acaso eu não.

*INQ2 Pois, pois, pois.*

INF1 Eu nunca aprendi isso mas (ele) havia muito.

*INQ2 E era com duas agulhas?*

INF1 (...) Havia com duas e havia então com não sei mais não sei quantas, que era (...) uma carreira de agulhas em toda a volta.

*INQ2 Ah!*

INF1 E iam, acabavam (...) de encher aquela, passava à outra a seguir e davam assim a volta.

*INQ2 Pois, pois.*

INF1 E havia quem fizesse só com duas também.

*INQ2 Pois, é como... Como se faz meia.*

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Também tudo em redondo.*

INF1 Exacto. Exactamente.

*INQ1 Portanto, e aqui era só com o fuso? Não havia uma maior onde se amarrava a lã?*

INF1 Não, não. (...) Era tudo assim com o fuso, a torcer (...) o fuso com os dedos.

*INQ1 E aquela quantidade de lã onde é que estava, quando se estava a fiar? Estava no bolso, estava num saco, ou estava, ou não se lembra?*

INF1 Isso agora é que eu não estou bem certo... Era numa cesta! Agora já estou recordado. Era uma cesta enfiada no braço e traziam as pastas dentro (...) da cesta.

*INQ1 Da cesta.*

INF1 Era.

*INQ1 E depois iam puxando assim com a mão...*

INF1 E depois dali iam puxando, ali assim, puxando aquilo, iam esticando, depois torciam, torciam; em estando mais ou menos com aquela torcedura que lhe queriam dar, tornavam outra vez a puxar, outra vez (...) aquela pasta que já tinha sido cardada, e tornavam outra vez a fazer, a torcer. Mas nós aqui, na nossa família, nunca se usou isso. Nem minha mãe... A minha mãe até era (...) costureira. Era modista e boa!

*INQ2 Pois, pois.*

INF1 Ela tinha (...) muita freguesia. Fazia fatos para noivas (...) e sabia fazer o fato de alfaiate, o fato de homem. Isso tudo ela fazia!

*INQ2 Ah!*

INF1 Não fazia outra coisa senão só fazer o comertzito, lavar a gente, e de resto, a vida dela era... Nunca foi para o campo, nem coisa, a não ser apanhar uma mancheiita de horta

*INQ2 Pois, pois.*

INF1 para fazer a comida. O mais era sempre com a máquina a trabalhar. E tinha muita freguesia mesmo! Às vezes, o meu pai (...) até se aborrecia porque ela depois não tinha tempo (...) para fazer outras coisas que haviam de ser feitas, por causa de: "Ah, eu queria isso feito até domingo, se pudesse ser"... E depois ela, coitada, (...) não lhe apetecia a dizer-lhe que não e depois apertava, estava até às tantas da noite sempre agarrada à máquina. A gente íamos para a cama e notávamos bem, que: "Olha, a mãe ainda está a trabalhar! Ainda sentimos a máquina a trabalhar".

*INQ2 Pois.*

INF1 Era a dar ao pedal da máquina, não é?

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM13-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503B <b>min:</b> 11:26-14:04	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O gado caprino	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 13	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 E o macho da cabra?*

INF É o chibo.

*INQ1 E o...*

INF O chibo ou o bode. Ele tem dois nomes.

*INQ1 Mas aqui?*

INF Aqui, ele mesmo cá é que havia quem lhe chamasse o bode e quem lhe chamasse o chibo. Cá mesmo na nossa zona, tinha esses dois nomes.

*INQ1 Rhum-rhum. E quando ele é pequenino? Quando ele...*

INF É o cabrito. É o cabrito.

*INQ1 Ou uma?...*

INF Ou uma cabrita.

*INQ1 E até que?...*

INF (...) Uma chiba. Depois passava a ser (...) uma chibica ou uma chiba. E depois é que era a cabra.

*INQ1 Isso nas fêmeas?*

INF Sim, nas fêmeas.

*INQ1 Depois o que era cabrito, depois ou era chibito...*

INF E o outro (...) era sempre: "É o chibico". Era o chibico, ou o chibo, já depois de ser mais velho. Era.

*INQ1 E a cabra, há umas, uma qualidade de cabras que têm duas coisinhas assim penduradas...*

INF Era os marmilos. Chamavam-lhe os marmilos ou qualquer coisa assim.

*INQ1 Diga?*

INF Marmilos!

*INQ1 E quando a gente não quer, ou que, de um bode, por exemplo, que, que sirva mais para cobrir as ov-, as cabras, a gente tem que o quê?*

INF Capá-lo.

*INQ1 Portanto, dizia...*

INF Castrá-lo. É castrá-lo, mas

*INQ1 Mas aqui dizia-se?...*

INF a gente dizia-se capar.

*INQ1 Diga: aquele bode já está?...*

INF Já está capado.

*INQ1 E quando os cabritos nasciam, costumavam-se apartar para o lado... Fazia-se assim uma pequena armação – não? – onde os cabritos ficavam todos...*

INF Não. Ficar, ficavam juntos com a mãe. (...) Quer dizer, de noite estavam junto com as mães, e de dia, quando estava o tempo assim frio (...) e quando eram mais pequeninhos, ficavam (...) no curral, no próprio curral donde as cabras dormiam. Depois quando as cabras chegavam então à noite, cada uma se dirigia... Os cabritos dirigiam-se às suas mães que elas conheciam-nos bem, não se enganavam com eles.

*INQ1 Com eles.*

INF E depois iam mamar. (...) Estavam então um dia inteiro sem mamar nada e quando era à noite, as cabras já vinham por aí fora, já vinham a berrar.

*INQ2 Pois.*

INF O meu pai por acaso (...) era ovelhas, mas havia aí muitos rebanhos de cabras. E quando já vinham por aí além, já estavam a berrar. (...) Os borreguitos já só ficavam... Por exemplo, (...) a ovelha ficava no curral (...) com os cordeiritos.

*INQ2 Pois, exacto.*

INF Nunca deixava os cordeiros e a ovelha fosse.

*INQ2 Pois, pois.*

INF A ovelha (...) tinha a criação, ficava. Nesse dia ficava no curral. Ao outro dia, (...) os cordeiritos já acompanhavam a mãe no rebanho. Não se dava assim (...) uma (.../N) muito grande, que era (...) para os não cansar muito, mas já iam, e depois já iam atrás das mães. (...)

*INQ1 Mas aqui, portanto, deixava-se eles mamarem à vontade, era?*

INF Sim, sim.

*INQ1 Nunca se aproveitava o leite?*

INF Só mais tarde quando já estavam grandes, assim (...) já capazes de desmamar é que se começavam então a retirar de noite para as ovelhas (...) terem leite de manhã. E depois é que se iam então tirar, deixava-se-lhe um pinguito para eles mamarem depois (...) de os soltar. E outros até lhe punham um... Chamavam-lhe um bolso. Tapavam-lhe assim, mas era aberto no fundo. Punham-lhe um boçalzinho (...) na boca

*INQ1 Na boca, para eles não poderem mamar.*

INF para eles (...) não mamar. Mas alguns lá davam um jeito que ainda... Aquilo arregaçava-se para trás e eles (...) ainda lá chegavam. Às vezes assim: ("Ele")/"Eh"!... A minha mãe dizia assim: "Que, ai, o diabo do cordeiro (...) ainda cá veio"!

*INQ1 Portanto, nunca foi o hábito, em vez do bolso pôr-se um pau assim na?...*

INF Não, não, não. (Ele) aos cabritos era, aos cabritos era. (...) E habituavam-se a comer com isso. Agora os borregos não. Era só o boçal para os desmamar.

*INQ1 E dava-se algum nome a esse pau que se punha nos cabritos?*

INF Era os barbilhos, os barbilhos também: andar embarbilhado – ou 'barbilos', ou qualquer coisa assim.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM14-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0503B <b>min:</b> 15:02-17:55	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O leite e o queijo	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 14	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 E quando o leite, ao fim de certo tempo de estar assim parado dentro dum, numa vasilha, há uma parte mais grossa que vem ao de cima, como é que se chama?*

INF A gente chamava-lhe era o leite coalhado. O leite (...) era, por exemplo, era: levava a mezinha, chamavam-lhe a mezinha, e então depois é que coalhava o leite, (...) e era a coalhada, era a coalhada do leite. Talvez seja isso que me está...

*INQ1 Não, mas mesmo antes do, de o leite ter, ter levado a mezinha, há uma parte mais grossa do leite...*

INF É a nata. Chamavam-lhe a nata do leite.

*INQ1 Que fazia o quê? Que servia para fazer o quê?*

INF A manteiga, ou qualquer coisa assim.

*INQ1 E como é que se fazia a manteiga aqui?*

INF (Ele) (...) por acaso aqui até (...) nunca se fazia. Nunca se fazia a manteiga, mas a gente (...) sabia que é. Também era, quer dizer, era tudo aproveitado depois juntamente (...) com a coalhada do leite e ia para o queijo, com essa (...) gordura assim juntamente.

*INQ1 Era para o queijo. Sim senhor. E essa mezinha era feita de quê?*

INF Olhe, usava-se muito – agora, mais tarde, já assim não era – era (...) dos coalhos, que era o estômago do (...) animal enquanto não comia, enquanto só mamava.

*INQ1 Rhum-rhum...*

INF (...)

*INQ2 Chamava-se coalhos?*

INF Eram coalhos, exactamente. Vendiam os cabritos em pequeninos, (...) antes de eles comerem, que depois de comerem já não prestava, (...) já não podiam utilizar aquilo.

*INQ2 Pois, pois.*

INF E (...) antes de eles comerem, por exemplo, aí com três semanas, um mês, ainda não comiam, e depois vendiam os cabritos e esses próprios cabriteiros é que vendiam depois os coalhos às pessoas, não é?

Andavam assim com umas molhadas deles aí (...) nos mercados, nas feiras, e depois as pessoas dirigiam-se a eles e compravam-nos, aos coalhos.

*INQ1 Mas eram secos?*

INF Eram secos, sim. Aquele leite secava-se-lhe dentro (...) do coalho, chamavam-lhe o coalho, que era o estômago (...) do animal.

*INQ1 Rhum-rhum. Então o coalho servia para quê?*

INF Para coalhar o leite.

*INQ1 Portanto, já falou na...*

INF Desfaziam um bocadinho (...) em água, e depois despejavam aquele pinguinho (...) daquela água assim com esse tal dito coalho desfeito, para dentro do leite e é isso que coalhava o (coiso).

*INQ1 Então quando aquilo já estava assim tudo duro, dizia ali está, era o quê? Era?...*

INF A coalhada.

*INQ1 E depois como é que se fazia o queijo, explique-me lá?*

INF Era manual, era à mão, pois então. A minha mãe e os outros todos tiravam-se aquele (...) punhadozinho (...) de coalhada, e depois (...) iam espremendo aquilo assim para cima (...) numa tábua preparada, chamada queijeira, e espremiam aquilo até chegar a um certo já (...) mais duro, um bocadinho mais duro, e depois é que punham dentro de chamavam-lhe o trincho.

*INQ1 O trincho.*

INF E depois ainda com a mão, punham uma mão por baixo e outra por cima, e ainda iam apertando assim, para ir largando o que chamavam o almece.

*INQ1 Aquilo que escorria?...*

INF É o almece.

*INQ1 E o almece ainda se aproveitava, ainda?...*

*INQ2 ...*

*INQ1 Hã?*

INF O almece.

*INQ1 E o almece ainda se aproveitava, ainda se levava ao lume para ficar assim mais duro?...*

INF Não, a gente aqui não.

*INQ1 Não?*

INF Aqui depois ia (...) para os animais, para os porcos.

*INQ1 Rhum-rhum. Portanto...*

*INQ2 Deixa o senhor tossir.*

*INQ1 Não, não é isso. Eu estou a pensar.*

*INQ2 Está com tosse.*

*INQ1 Portanto, já disse como é que se chamava que era o, aquela coisinha onde se punha o... Ah, aquilo depois de estar espremido, de ter saído o almece, como é que chamava? Aquela, pronto, que era uma espécie de... Já estava duro, que se punha dentro dos cinchos?*

INF Era coalhada.

*INQ1 Era coalhada.*

INF Era uma coalhada, sim.

*INQ1 E a queijeira era, era uma espécie duma mesinha?*

INF É, exactamente, assim com duas vedações de lado, assim por aí afora, abaixo fechava assim num bico, (...)

*INQ2 Escorria por ali...*

INF e depois escorria. Depois (...) vinha para (...) um alguidar, por baixo, a aparar, o almece.

*INQ2 Esse almece, o que é que se fazia depois, desculpe?*

INF (...) Ia para os porcos.

*INQ2 Para os porcos.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM15-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> Cidália <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0503_04 <b>faixa:</b> 1L0504B <b>min:</b> 17:06-20:20	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 15	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Estava a pensar que...*

INF1 Estava a perguntar se estavas no tear, que te ia lá visitar. Mas não sei se estavas, se não estavas.

*INQ1 Não está? Não, pois não?*

INF2 Estou. Estou na casa.

*INQ1 No tear?*

INF2 Sim.

*INQ1 Ai, está a fazer a s-...*

INF2 Bem, quer dizer, é (...) uma garota (...) que aqui vem aqui de vez em quando, que é mouca.

INF1 E ela está ao pé dela a ajudar qualquer coisa.

INF2 (...) E eu estou aqui a ensiná-la.

INF1 (...)

*INQ1 Sim senhora. Então deixe-se lá estar. Eu ia lá só ter consigo, pensava que estava lá sozinha.*

INF2 Não, não.

*INQ1 Ia lá ter consigo, porque eles estavam aqui já fartos... muitos entretidos um com o outro...*

INF1 (...) É uma garota... É uma deficiente que é (...) cem por cento mouca.

INF2 A gente pode ir. (...) É uma garota que é de família.

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF2 É deficiente.

INF1 E depois, coitada, (...) não tem (.../N)... Vem para aqui assim, aprende umas coisicas...

INF2 E vem aqui, às vezes, ter com a gente, para a gente deixá-la...

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF1 Depois a gente (...) deixa-a estar aí.

*INQ1 Isso é bom. Até é bom.*

INF1 Exactamente.

*INQ2 Até é bom para ela.*

INF2 A gente deixa-a lá dentro uns bocadinhos.

INF1 Ai, e a gente (...) paga-lhe. O trabalho que ela faz, a gente paga-lhe, não é? Não queremos que (ela seja prejudicada).

*INQ1 Pois, pois.*

*INQ2 Não, acho que sim.*

INF2 O que é não se (inteira) ainda bem, mas a gente às vezes...

*INQ2 Pois, coitada.*

INF2 Nem vem sempre. Vem assim quando... Agora está a chover, ela vem para aqui, não vai para outro lado.

*INQ2 Claro.*

INF2 Vem aqui ter com a gente, se a gente deixar ficar.

*INQ2 Claro.*

INF2 A gente deixa.

*INQ2 Claro.*

INF1 E é assim.

*INQ1 Claro.*

INF2 Tenho pena dela.

INF1 E é muito inteligente. Ela trabalha...

INF2 Ela é inteligente.

INF1 Ela até trabalha muito bem nestas coisitas assim.

INF2 O que é deu-lhe uma...

*INQ1 Até tem queda para isso, é?*

INF1 E não ouve nada!

INF2 Deu-lhe uma meningite e apanhou-lhe os ouvidos e a fala.

INF1 Quer dizer, foi mal curada e depois ficou cem por cento mouca. Já lhe compraram o aparelho mas não resultou, porque como ela é cem por cento mouca... Se tivesse (...) uma pequena percentagem de ouvir, aquilo podia resultar...

*INQ1 Claro, um bocadinho.*

*INQ2 Pois, pois, pois.*

INF1 Mas não dá. Não dá.

*INQ2 Coitada.*

INF1 (...) Ela compreende o que a gente diz estando a olhar para a gente. E compreende tudo. (...)

*INQ1 Sabe ler na... Sabe ler na, na boca.*

INF2 E eu agora tenho estado ali ao pé dela. (...)

INF1 Pois, vá lá, exactamente. Mas ela escreve bem. Escreve bem.

*INQ2 Sim senhor.*

INF1 Ela até tem uma caligrafia bonita. Porque ela quando lhe deu a meningite andava (...) na terceira ou coisa assim.

INF2 Andava na escola, pois.

INF1 Pois, na terceira classe, claro, e (...) até escreve muito bem e assina muito bem.

*INQ1 Ah, pois! Portanto, aprendeu a escrever e tudo.*

INF1 Foi pena ela ter aquilo (...).

INF2 (...)

INF1 Não tem futuro; não há ninguém que lhe dê emprego nenhum, não sendo isto aqui assim que aí a entretém...

*INQ2 Não, e até pode ser uma safa para ela mais tarde.*

INF1 Pois. Exactamente.

INF2 Pois, temos pena dela e a gente um dia pode-lhe dar trabalho, pronto. (...)

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF1 (...) Até diz que lhe davam um tear para lá para ela trabalhar. Mas é assim...

INF2 Mas não lho deram. Eu já lhe disse a eles (para eles lho darem).

INF1 Os pais não ligam muito a isso. Eles têm... Os pais têm bastante, não é?

INF2 Olhe, esta fazenda grande que aqui está na nossa frente é deles, dos pais. Mas têm mais filhos. (...)

As duas filhas estão casadas e têm outra deficiente. Ele tem duas...

INF1 Essa já não é por ser mouca. É é assim (...) atrasada mental, essa, pois.

INF2 E tem uma irmã da mãe delas, que é tia delas, que também é.

*INQ1 Ah!*

INF2 A gente tem pena disto tudo!

*INQ1 Claro, claro.*

INF2 (...)

INF1 Mas isto também (...) esta era muito esperta, mas teve a doença, pronto.

INF2 A mãe está muito sacrificada com três mulheres em casa.

*INQ1 Claro.*

*INQ2 Claro.*

INF2 E pede à gente (para a deixar) andar.

*INQ1 Claro, claro.*

*INQ2 Não, e é bom para ela.*

INF1 É. É também bom, pois.

INF2 A gente tem pena dela e deixa-a estar.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Ainda bem. Há sempre... Há boa gente!*

INF1 Só que ela (...) não tem possibilidades de continuar muito nisto, porque (...) não é mulher que possa ir comprar os materiais, como eu ia, à fábrica, comprar o material para aqui. (...) Só a gente aqui, eu trago para aqui o materialzito para ela, para a entreter, não é? E pronto, e o que ela fizer, recebe o dinheiro para ela.

INF2 (...)

*INQ2 Claro. Claro, é diferente...*

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF2 Eu tenho pena dela e tenho pena da mãe!

*INQ2 Não, e até de...*

INF1 Pois.

*INQ1 Pois, pois.*

INF2 A mãe chora muita vez!

*INQ2 Então mas se ela depois, se realmente gostar da, da profissão, isso até é uma boa maneira de fazer...*

INF2 (...)

*INQ2 ...*

INF1 Não, quer dizer, (...) ela não tem grande futuro nisso (...)... À uma, ela esconde-se muito das pessoas – em estando nervosa, esconde-se muito das pessoas. E, por outra, não é mulher que vá agora, por exemplo, (ser) capaz de ir comprar o material e atender um cliente, porque não (...)... Fala só... Nós compreendemos, mas tem uma pronúncia assim muito disfarçada, (...) a palavra assim muito disfarçada, porque, pronto, como não ouve... É quase como uma muda.

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF1 (...)

*INQ2 Claro.*

INF1 E depois não tem possibilidade nenhuma, não tendo alguém que (...), pronto, que é que lhe abra o caminho, não é?

INF2 (...)

*INQ2 Claro. Pois..*

INF1 Ela só tem as possibilidades de (ter aqui) este trabalho enquanto a gente estiver aqui com isto assim.

*INQ2 Claro.*

INF2 (...)

*INQ2 ...*

INF1 Dei baixa da indústria aqui há tempo e disse: "Ó rapariga, olha, vem para aí. Faz aí alguma coisa"! Pronto, aí está. A mãe diz: "Ah, deixem-na para lá ir que ela em minha casa está sempre aborrecida, sempre aborrecida (...)"... "Então ela que venha para aí (trabalhar)"!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM16-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0505_06 <b>faixa:</b> 1L0505A <b>min:</b> 12:19-13:52	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada	
<b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 16	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 E aqui não sei se chegou a haver, era uns bichos de água, quando, para chupar o sangue quando a gente tinha sangue pisado? Que a gente...*

INF Pois. A samexuga. Eu até, por acaso, nós às vezes íamos comprar bois a Santarém, e os bois que vinham de lá quase sempre vinham com isso (...) até por dentro na boca.

*INQ2 Na garganta.*

INF Pois.

*INQ1 Rhum-rhum.*

*INQ2 E pegava-se, não é?*

INF Tínhamos um trabalhão para lhe arrancar isso. (...)

*INQ2 Mas em Santarém, era? Havia mais?*

INF Era. O meu pai dizia que todo o gado que bebesse no Tejo, que provavelmente (...) vinha perigoso a trazer (...) esses bichos. (...) Estranhávamos o animal, não comia, eu estranhava muito, íamos a ver... (...) Mas aquilo é preciso uma certa resistência com as mãos para arrancar isso.

*INQ2 Pois, pois.*

*INQ1 ...*

INF Pois. Eu conheço, por acaso, uma vez ou duas, que apareceram isso nos animais que nós íamos comprar a Santarém.

*INQ2 Ah!*

INF E vínhamos com eles a pé para cá.

*INQ2 Era? Vinham de Santarém a pé para?...*

INF De Santarém! Nesse tempo não havia transportes nenhuns ainda!

*INQ1 Claro.*

*INQ2 Aquilo era muitos quilómetros ainda!*

INF Íamos ficar... (Ele), por exemplo, na véspera abalávamos, íamos ficar a meio do caminho, e depois então arrancávamos e íamos para a feira. E de lá, a vir depois para cá, era a mesma coisa. E chegávamos cá, os animais estavam aí uns dias que ninguém podia fazer nada com eles. Todos pisados, não é?

*INQ2 Claro. E era na feira de Santarém, era?*

INF Na feira de Santarém.

*INQ2 Que é quando? Em que altura? Era.*

INF Ele há uma, uma ou duas, por mês.

*INQ2 Ah, pronto, pois!*

INF (...) Pois. (...) Parece-me que é duas por mês.

*INQ2 Feira de gado?*

INF Mais tarde aquilo foi alterado. Havia ao meio da semana, era (...) um dia do princípio do mês, e depois passou a ser o primeiro domingo (...) do mês, e depois outra (...) no último domingo do mês. Era a modo isso assim.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF E que agora existe ainda.

*INQ1 Rhum-rhum.*

*INQ2 Rhã-rhã.*

INF Até penso que ele agora que até mudaram para o sábado. Já há muito tempo que lá não fui, mas acho... Cheguei lá a ir a ela era ao domingo. Agora (...) já perguntei, já falei isso, e disseram-me que ali essas feiras tinham sido passadas para o sábado. Talvez para o primeiro sábado (...) do mês e para o último sábado (...) do mês à mesma.

*INQ2 E trazia... E lá é que compravam o gado?*

INF Era. De lá é que vinha... Era de lá que vinha o gado por vezes (...) com essa samexuga, chamavam-lhe a samexuga.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM17-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0505_06 <b>faixa:</b> 1L0505B <b>min:</b> 02:44-03:56	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> Preparação do terreno e rega	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 17	

*INQ1 Mas antes, quando se, nesses terrenos de regadio como é que se conseguia tirar a água para fora do, da terra, e como é que elas depois se punham ao longo do terreno?*

INF (Ele) aqui como (...) não é sítio (...) de rega, só assim uns bocadinho, pois, é que...

*INQ2 Pois.*

*INQ1 Portanto, aqui não há rega nenhuma? Nunca fazem rega?*

INF Não, não. (...) É só assim bocadinhos pequeninos, com a tal dita mangueira nas mãos. Regar um bocadito de couve ou um bocadito de feijão, qualquer coisa assim. Mas não há...

*INQ2 Rhum-rhum. A gente passou agora ali por um sítio... Vais, vais mostrar?*

*INQ1 Era isso que eu queria mostrar.*

*INQ2 Que tinha uma coisa assim, ali mais para os lados de Ourém.*

INF É uma picota. É uma picota, exactamente.

*INQ2 Picota.*

INF Tirar água à picota. Mas isso já é tudo lá para os (...) lados de Ourém, porque têm água de nascente e nós não temos.

*INQ2 Exactamente.*

*INQ1 Ah, portanto, aqui não, nunca houve nada disso?*

INF Não, não, não.

*INQ1 Então e não sabe os nomes dessas coisas?*

INF Quer dizer, aqui havia antes de haver os motores eléctricos. Havia quem (.../VB), mas era mais a balde, puxado à corda, do que mesmo com uma picota. Aqui usou-se pouco.

*INQ2 E era tirada donde?*

INF Dos poços.

*INQ1 E como é que puxava o balde para cima?*

INF Era com uma corda.

*INQ1 E que estava presa onde?*

INF (...) Em lado nenhum. Era só a gente...

*INQ1 Ai à mão?*

*INQ2 ...*

INF A gente ficava com a mão (...) na corda e largava o balde para baixo, e ficava uma parte da corda de fora e depois ficava a correr na outra que trazia o balde para cima.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Essa coisa da picota era só para abrir (...) o próprio poço, e para puxar a terra para cima, para fazer (...) o buraco, é que se fazia que usava-se a picota. Daí para tirar água, não; era tudo a baldes, antes de haver os motores de puxar a água do poço.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Toda a gente tem motor. Já se não usa nada disso.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM18-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0505_06 <b>faixa:</b> 1L0505B <b>min:</b> 16:16-16:51	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Os cereais	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 18	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ Então, quando estava assim, dizia que estava a quê?*

INF Estávamos a malhar.

*INQ E servia para, para malhar... Portanto, onde é que se usava o, para malhar? Em que coisas?*

INF Era (...) em tudo. Era no feijão, era no grão (...)... Na palha não, que essa era debulhada. O milho, noutros tempos. Agora é tudo é mais escarolado à máquina, mas noutros tempos era tudo (...) batido assim com o moal. E depois (...) com umas tantas pessoas a ajudarem-se uns aos outros, pois o resto tirava-se então à mão, esgrabulhado à mão. E o resto (...) dos bagos ainda ficavam ainda agarrados ao carolo, e depois então dava-se uma passagem a tirar-lhe o resto dos bagos de milho que (...) ficavam ainda no...

*INQ Mas dizia esgrabulhar?*

INF (...) Escarolar.

*INQ Escarolar, não é?*

INF É escarolar.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM19-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0505_06 <b>faixa:</b> 1L0505B <b>min:</b> 23:12-24:54	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 19	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

INF (...) E assim com a gente, como está habituada... Já aqui trabalha para aí há perto de vinte anos – há mais de quinze já, perto de vinte anos –, pois conversa tudo, com a minha mulher pelo menos. Ela comigo envergonha-se um bocadito, (...) foge assim mais. (...) Só me responde àquilo que lhe eu perguntar. Mas, às vezes, só oiço... A minha mulher, pode estar a falar com ela, ela vai respondendo. A gente tem assim uma certa dificuldade, às vezes, para a perceber em certas palavras, porque ela enquanto não... Como não ouve, claro, é um falar assim um pouco disfarçado. Mas como ela quando apanhou a doença, a tal meningite, já andava na escola e já falava bem, perfeitoinho,

*INQ Falava bem?*

INF nunca perdeu (...) aquele tom de fala.

*INQ Mas ela falava antes, portanto?*

INF Sim, falava, falava. Andava na escola e era uma boa aluna e isso tudo, foi pena apanhar aquilo.

Segundo dizem, foi foi mal curada, pronto! Que dizem até que foi (...) uma fraca assistência que ela teve, do lado dos pais. Porque ela havia de ter (...)... Tinha o saco de gelo na cabeça, e já se sabe, ela meia volta tombava o saco e os pais então estavam a dormir e não iam lá ver; quando iam ver, aquilo já estava...

Passavam-se muitas horas e devia estar sempre com aquele gelo, assim é que eu ouvia – não é? – na altura.

*INQ Pois.*

INF De qualquer das maneiras, ficou com aquele rasto. Às vezes há sempre um rasto ligeiro, mas aquele (...) foi realmente... Pronto!

*INQ Pois é.*

INF É aquilo. Ela nunca pode pedir um emprego em lado nenhum.

*INQ Pois é, coitadita.*

INF Nós têmo-la aí assim só por isso, que isso dá... Nós já não trabalhávamos, se não fosse isso. Só se fosse a minha mulher para se entreter, até para fazer coisices cá para a família ou quê.

*INQ Pois, pois.*

INF Mas como aí a temos, a mulher, às vezes, faz lá qualquer coisita ao pé dela.

*INQ Pois.*

INF Só para não dizer... Pronto, porque se a gente a não empregar, se ainda (...) não for continuando a dar-lhe o emprego, ela (...) não (ganha), nem vai pedir nada.

*INQ Pois, pois.*

INF Porque (...) quem é que quer isso?... Quem é que a quer numa fábrica, mesmo fábricas grandes onde toda a gente está empregada, mas eles não querem lá andar-lhe a bater assim no ombro e estar-lhe a explicar: "Vai fazer isto! Vai fazer aquilo"!, não é?

*INQ Pois, pois.*

INF Portanto...

*INQ Pois é. Coitadita, é pena!*

INF Enquanto o pai e a mãe for vivo, ainda a coisa ainda vai bem. Agora depois?! Logo é ela e outra irmã. A outra irmã essa fala, mas, pronto, é assim um bocadito mental, é assim fraquita de... Olhe, nunca aprendeu nada (...) na escola, nem coisa.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM20-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0505_06 <b>faixa:</b> 1L0506A <b>min:</b> 06:48-07:14	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Os dias da semana	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 20	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ Portanto, terça é hoje e ontem foi?...*

INF (...) Foi segunda.

*INQ E diga-me os dias... Portanto, tem segunda, tem terça...*

INF Segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado.

*INQ E?...*

INF E domingo.

*INQ Portanto, esses sete dias fazem um quê? Uma?...*

INF Uma semana.

*INQ A gente, antes de se ver, não se conhecia porquê?*

INF Nunca se tínhamos visto.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM21-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cassiano <b>Idade:</b> 68	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 4ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0505_06 <b>faixa:</b> 1L0506A <b>min:</b> 19:13-20:27	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A família: relações de parentesco	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada	
<b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 21	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 A primeira vez que foram à igreja...*

*INQ2 Quando foram...*

INF Ah, o casamento! O dia do casamento.

*INQ1 Foram à igreja para quê? Para se?...*

INF Se (casarmos).

*INQ1 Portanto, depois houve uma altura em que teve...*

*INQ2 Tiveram uma?...*

*INQ1 Tiveram crianças, não foi? Portanto, teve um quê? Uma?...*

INF Sim, sim. Uma menina.

*INQ1 Que foi, era sua quê?*

*INQ2 É a sua?...*

INF A minha filha.

*INQ2 E se fosse...*

*INQ1 E se fosse um rapaz, era o seu?...*

INF Era o meu filho.

*INQ1 Pergunta agora um bocadinho, vá lá.*

*INQ2 Não, não. Pergunta, pergunta. Estás tão bem a perguntar.*

*INQ1 O, o pai da sua mulher o que era a si?*

INF O pai da minha mulher era o meu sogro.

*INQ1 E a mãe?*

INF A sogra.

*INQ1 E o senhor o que era?*

INF O genro.

*INQ1 E a sua senhora o que é ao seu pai?*

INF É a nora. Chamam-lhe nora ou genra, mas (...) é cá mais nora. Usam nora.

*INQ2 Mas também se diz genra?*

INF Não, é raro. É raro.

*INQ2 Não?*

INF Sei que usam em alguns lados (...).

*INQ2 Aqui diz-se nora?*

INF É nora.

*INQ1 E o senhor o que é à Cidalisa?*

INF Sou o pai. O avô. O avô.

*INQ1 E a sua senhora?*

INF É a avó.

*INQ1 E como é que a Cidalisa diz a si quando lhe quer pedir assim alguma coisa?*

INF É o avô.

*INQ1 Como é que o trata?*

INF É o avô.

*INQ1 É avô?*

INF É sempre por avô.

*INQ1 Portanto, ela é a sua?...*

INF Neta.

*INQ1 E se fosse um rapaz, era o seu?...*

INF O meu neto.

*INQ2 Nunca houve aqui o hábito de tratar o avô por padrinho, antigamente?*

INF Não, não, não. Nunca. Eu nunca ouvi.

*INQ1 Rhum-rhum.*

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Os padrinhos é os próprios padrinhos que estão logo no baptismo; e mais adiante há a crisma. Isso assim é que ficam os padrinhos.

*INQ2 Pois, pois.*

INF E depois são os mesmos que, (...) se ainda forem vivos, são os do casamento; e esses é que ficam os padrinhos. Agora o avô é sempre avô. Ou avó.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM22-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Castorino <b>Idade:</b> 66	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0507A <b>min:</b> 00:16-08:20	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 22	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Então, mas explique lá como é que, como é que era o seu moinho?*

INF O meu moinho tinha três casais de mós. (...) Tinha duas de trigo, uma de trigo de alveira – (...) só moía trigo – e tinha duas de milho, (...) a fazer farinha de milho. E tinha então – pronto, era tocado a vento –, tinha (...) o eixo, tinha as velas – tinha quatro velas de pano – e tinha, chamávamos-lhe a gente então... Era (...) um prumo por aí acima, era a árvore, chamávamos a gente a árvore naquele tempo, a árvore tocada. Tinha a entrosa e tinha o cartão...

*INQ1 O cartão é o quê?*

INF O cartão era uma entrosa, era o que tocava as pedras todas.

*INQ1 Ah!*

INF O moinho tinha assim (...) um eixo e depois (...) esse eixo (...)

*INQ1 Ai esse é o de água!*

*INQ2 Esse é o de água, não tem...*

INF tinha uma entrosa e essa entrosa pegava no cartão e o cartão era numa árvore (...) – chamávamos a gente uma árvore mas (...) era uma (...) viga de madeira até abaixo – (...) e tinha uma entrosa então que pegava nos dentes todos – bom, com uma roda, faz de conta que quase a roda dum bicicleta ou dum coisa –, pegava nos dentes todos e tocava as mós todas. E as mós estavam em cima, todas num andar, e isso (...) furava cá para baixo e cá em baixo então é que andava a tocar (...)... Tocava as mós e as mós lá em cima faziam farinha.

*INQ2 Então, va-, eu agora vou começar por fora. Aquela parte de cima, do tecto, como é que se chamava?*

*Assim aquela parte...*

INF (...) A primeira?

*INQ2 Sim.*

INF (...) Era o capelo.

*INQ2 E depois o capelo à frente tinha um buraco por onde entrava...*

INF Tinha um buraco onde entrava o eixo e as velas andavam na parte de fora.

*INQ2 Pois, no eixo...*

*INQ1 Portanto, o eixo é aquela coisa assim saída?*

*INQ2 Sim.*

INF Sim. Era onde (...) tinha uns braços de madeira, ou uns coisos,

*INQ2 Era isso que eu queria perguntar.*

INF uns coisos de madeira, uns eucaliptos, uns eucaliptos espetados. Por exemplos, isto faz de conta que era o eixo e estava furado e tinha (...) os coisos.

*INQ2 Que eram feitos de eucalipto?*

INF Feitos de eucalipto. Espetados. Tinha (...) umas mechas espetadas no eixo, porque o eixo era muito grosso, e era espetado no eixo e depois (...) nesses braços que estavam espetados no eixo, tínhamos então as velas de pano pregadas nos braços (...).

*INQ2 Mas as velas depois tinham assim uma espécie duma corda, não era, e depois podia?...*

INF Tinha uma corda e iam atados os outros braços. Tinha oito braços. Tinha (...)

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF oito braços de eucalipto, todos espetados nesse tal eixo grande.

*INQ2 Sim senhor. E cada braço tinha uma vela?*

INF (...) Não. Só quatro... Só tinha quatro. Só quatro é que tinham as velas e depois as velas atavam-se aos outros quatro (...) com as cordas,

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF que era (...) para fazer a vela, (...) para o vento pegar na vela, para o moinho andar. Depois as velas (...) tocavam então (...) o moinho, por exemplos, (com o vento).

*INQ1 Olhe, e não tinha umas coisinhas para fazer, que fazia barulho?*

INF Sim. Tinha os buzinos. Umas canas. Oh, isso (...) ainda eu era capaz de fazer!

*INQ1 Era umas canas, era? Não era em barro?*

INF Tinha em barro também, mas o barro pesava muito (...) ao moinho, não era? Pesava muito e depois arrebetava às vezes um ferro, que aquilo (...) tinha que ter (...) um cabo de aço, tudo ao redor, que era (...) para andar ligado, para não arrebetar, porque as velas arrebetavam com aquilo. Chamávamos-lhe a gente as espias, ou os travadoiros. Às vezes, arrebetava (...) um travadoiro... Por exemplo, travavam os braços para eles não arrebetarem e esses braços... E depois então os buzinos de barro quebravam-se. E os de cana já se não quebravam.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Andavam...

*INQ2 Portanto, os travadoiros é que ia de ponta...?*

INF Era uma roda. Aquela roda toda, (...)

*INQ2 Sim, sim.*

INF toda,

*INQ2 Chamava-se o travadouro?*

INF é os travadoiros. É os travadoiros que (...), às vezes, arrebentavam com o temporal, quando fazia muita força.

*INQ2 Que era para arrebentar...*

INF Pois arrebentava um e o moinho partia-se! E depois quebrava (...) os buzinos de barro. Eu cheguei-os a ter de barro,

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF mas a gente, mais geral, para andar (...)... Claro, tínhamos que poupar dinheiro, porque naquele tempo não havia dinheiro, e depois tínhamos então os travadoiros e prantávamos então de cana. Quebrava-se um braço...

*INQ1 E os buzinos serviam para quê?*

INF O quê? Os buzinos?

*INQ1 Os buzinos para que é que serviam? Era só para enfeitar ou?...*

INF Era, por exemplos, ele era acolá e eu estava aqui, e sabia se o moinho andava depressa, se andava devagar.

*INQ1 Ah!*

INF Quanto mais depressa andasse mais aquilo buzitava! E depois a gente ouvia: "Deixa-me ir lá que o moinho anda muito depressa"! Cheguei daqui a abalar a correr – (que o tinha) ali em Vale de Ourém –, chegava a daqui abalar a correr de bicicleta ou de motorizada, chegava lá, às vezes, nem tinha... Uma até que me sucedeu uma vez: cheguei lá, partiu os dentes das entrosas todas. Tanto que apertei com ele e depois...

*INQ1 Para ele andar mais devagar?*

INF Para ele andar mais devagar, apertei com ele demais, e depois...

*INQ1 E como é... Como é que fazia isso para, para apertar?*

INF Embrulhava-lhe as velas.

*INQ1 Embrulhava...*

*INQ2 ...*

INF As velas tinham aí oito metros, nove metros de pano, mais ou menos; e depois se o vento era muito forte, eu embrulhava-lhe as velas aos braços, à madeira.

*INQ1 Pois, pois, pois, para se...*

INF Embrulhava-lhe as velas, que era para depois serem mais pequeninas, para apanharem menos vento, para andarem mais devagar.

*INQ1 Rhum-rhum.*

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF E depois...

*INQ2 Pronto, portanto... Diz, diz.*

*INQ1 E para... Deixa-me perguntar uma coisa só. Para deslocar o capelo para um lado e para o outro...*

INF Tinha um sarilho por dentro que a gente arroteava. Eu tinha umas rodas, por exemplo, do capelo, tinha umas rodas e andavam a trabalhar dentro numa caixa (assim por dentro)...

*INQ1 Sim, assim à volta.*

INF À volta. E a gente tínhamos (...) um jeito dum sarilho – não era? – e tinha uma corrente e a gente mudava dum lado para o outro o sarilho (...). O vento mudava, nunca estava no mesmo sítio, e a gente mudava-o para o outro lado.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Mas o capelo estava assente em cima da parede do moinho com umas rodas?*

INF (...) Estava assente em cima da parede do moinho com umas rodas.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF E essas rodas estavam ligadas (...) ao capelo de cima, com uns ferrozinhos ligados, e depois aquilo andava. Andava à roda. Faz de conta que era uma roda dum andarilho ou uma roda de uma bicicleta, ou uma coisa qualquer. Tem o eixo, depois tinha aquele eixozinho e aquilo tinha uma caixazinha... As rodas tinham uma caixazinha em cima das paredes, depois aquilo (...)... Deixe estar, deixe estar. Deixe estar. Isto é para atar a vinha. Depois (...) tinha aquela caixazinha, onde desandavam aquelas rodas, nunca saltava fora. Depois aquilo andava a gente com o sarilho lá por dentro, mudávamos e puxávamos o moinho. Tirávamos o moinho do vento, quando a gente o queria parar. Tirávamos o moinho. Por exemplo, se o vento era daqui, puxávamos o moinho para ali, (...) o vento dava nas velas por cima, parava.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Ainda está ali uns casais que trabalham. Mas onde vocês (...) vêem aquilo a trabalhar, é lá na Moita Redonda, ao pé de Fátima. Aí, vêem isso.

*INQ1 Moita Redonda?*

INF É na Moita Redonda.

*INQ1 É aqueles lá, que a gente vê lá em cima, que ali da rotunda se vê lá em cima?*

INF Sim, sim. Sim, sim, sim. Aí vêem isso a trabalhar tudo!

*INQ1 Havemos de lá ir. Havemos de lá ir também.*

*INQ2 Portanto, depois da trave, saía, tinha a tal entrosa, não era?*

INF Tinha a tal entrosa, um prumo que era uma entrosa, tinha um prumo lá baixo (...)...

*INQ1 Um prumo é o tal?...*

INF É a árvore.

*INQ1 Árvore.*

INF Chamamos-lhe a gente a árvore.

*INQ1 Árvore.*

INF (...) Tinha duas entrosas e a que vinha do eixo do moinho, do lado de fora – vinha do eixo, trazia as velas, o moinho trazia as velas à porta – é que tinha uma entrosa e tocava então, chamávamos a gente o

cartão. Vinha lá de fora e os dentes pegavam-lhe nessa tal coisa e (...) tinha então esse prumo, que era a árvore, vinha cá para baixo. Cá em baixo, então, é que (...) as mós tinham um carroto, e essa entrosa pegava nos carros das pedras e fazia-as rodar.

*INQ2 Portanto, uma entrosa é uma roda com uns dentes, não é?*

INF É uma roda com uns dentes. (...) Deve ter aí uns trinta e tal dentes, perto de quarenta.

*INQ1 Mas, portanto, é uma coisa grande. A entrosa é uma...*

INF É uma coisa grande. É uma coisa grande. Eu ainda há pouco tempo as aí tinha, o que é que queimei-as. Eram de madeira, queimei. Os carros ainda os ali tenho.

*INQ2 Rhum.*

*INQ1 Os carros é aquelas coisas mais estreitas que, que engancha na?...*

*INQ2 É assim aos altos.*

INF É. Os carros (...) é no que trazem no veio das pedras, porque as pedras andavam a trabalhar em cima dum veio de ferro.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF E tinham aquele carroto, e depois o moinho tocava aqueles carros e as pedras andavam.

*INQ2 Rhum-rhum. Mas para tocar as três, os três casais de mós, precisava de duas entrosas, três en-...*

INF Três, três carros.

*INQ2 Três carros?*

INF (...) Cada mó tinha um carroto e um veio de ferro...

*INQ2 E uma entrosa para os três carros ou?...*

INF E uma entrosa tocava os três carros.

*INQ2 E essa entrosa cá debaixo era assim deitada ou era ao alto?*

INF (...) Era deitada, pregada na tal... Por exemplos, faz de conta que isto (...) era a tal, e estava enfiada nesse tal prumo, não é – como estava a contar –,

*INQ1 Rhum-rhum.*

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF estava enfiada nesse tal prumo, depois andava e tocava os carros todos em volta.

*INQ2 Aos três assim ao mesmo tempo?*

INF Tocava-os todos três ao mesmo tempo.

*INQ2 Porque a entrosa que estava naquele, lá de cima, era uma assim ao alto?*

INF Era. A que estava lá de cima tinha... Ele tinha (...) essa árvore – que a gente chamamos-lhe árvore –,

*INQ2 Árvore. Sim.*

INF tinha o cartão lá em cima, e tinha (...) a estrela cá em baixo, que (...) era uma entrosa.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF E tinha então o eixo, (...) o eixo que tinha cá fora que tinha as velas, tinha outra entrosa e é que tocava então no cartão, e tocava aquilo tudo a eito, tudo (o mais).

*INQ2 No cartão. O cartão era o de cima?*

INF Era o de cima.

*INQ2 E depois em baixo é que tinha os três...*

INF Tinha a entrosa de cima, que era a que andava no eixo,

*INQ2 Sim senhor.*

INF era entrosa; e tinha depois o cartão, e a gente chamávamos à outra que tocava as mós a roda-catarina.

*INQ2 A roda-catarina?*

INF A roda-catarina

*INQ2 Que era a entrosa de baixo?*

INF era a que tocava as mós todas.

*INQ2 As três?*

INF Tudo enfiados no mesmo pau; tudo enfiados (...) na mesma viga.

*INQ2 Sim senhor. Rhum-rhum.*

*INQ1 Roda-catarina?*

INF (...) A roda-catarina era a última, debaixo, que tocava as mós.

*INQ2 E era do mesmo tamanho da de cima, ou não? Mais ou menos.*

INF Era mais ou menos.

*INQ2 Era mais ou menos.*

INF Não podia ser muito menos porque senão, se fosse mais pequena, (...) mais voltas dava, mais depressa as mós andavam e não convinha as mós andarem mais depressa porque requeimava a farinha.

*INQ2 Sim senhor.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM23-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Castorino <b>Idade:</b> 66	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Cinira <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0507A <b>min:</b> 21:06-23:02	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 23	

*INQ1 E mesmo o de madeira, portanto, tinha lá em cima as mozinhas, por cima e tudo, para andar?*

INF1 Tinha tal e qual como...

INF2 À mesma.

INF1 Tal e qual. O que é que essa (...), por exemplo, nesses que são de pedra, é um fechal – chamamos-lhe a gente um fechal –, é um fechal de pedra, onde trabalham essas rodazinhas dentadas para moer o milho.

*INQ1 Ah, portanto, aquela, aquela coisinha...*

INF1 E esses de madeira é um fechal de madeira.

INF2 De madeira.

INF1 (...) Mas tem a mesma caixinha de andar à volta.

INF2 De andar à roda.

*INQ1 Que é onde as rodas encaixavam naquela caixinha para a caixa não desandar?*

INF1 Isso. Onde as rodas encaixavam.

INF2 Pois, na roda.

*INQ1 Sim senhor.*

INF1 Onde as rodas encaixavam (...) naquela coisinha ao redor (...)... O vento hoje estava daqui, (...) a gente tínhamos que rodear o moinho, para um lado e para o outro.

*INQ1 Pois.*

INF1 Procurar o vento.

*INQ1 Claro.*

INF1 Se não, se o vento mudasse, e se lhe desse por trás que a gente (...) tivesse o moinho atrás (...), ou então se desse nas velas por trás, o moinho virava todo, quebrava-se tudo. Quebravam-se-lhe os braços

(...)... Por exemplos, as velas são isto e tem uma (...) espia, um vela, para o braço com a força da vela não cair para trás. Senão caía e quebrava-se.

*INQ1 Pois.*

INF1 Quebrava-se.

*INQ1 Era uma espia que vinha da ponta...*

INF1 Da ponta do eixo...

INF2 Do eixo.

*INQ1 Para cá?*

INF1 Vinha a ponta do braço, só que tinha a vela.

*INQ1 Do braço. Rhum-rhum.*

INF1 Os braços onde as velas andavam atadas não era preciso.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF1 Porque esses não faziam força para trás; a vela é que fazia; só fazia força num braço. Por exemplo, faz de conta, este braço tinha uma... Isto era o braço da vela, e tinha então, na ponta do braço, tinha então (...) um bocado de ferro, uma verga de ferro atada à ponta do eixo que vinha para fora.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF1 E depois o eixo carregava para trás mas não deixava ir (...) a vela para trás. Não deixava ir o braço. Quebrou-se. Quebrei muito. Volta e meia era: estávamos na terra da madeira, volta e meia, a gente descuidávamos, chegávamos lá, estava o moinho (...) só tinha o eixo; as velas, isso tinha caído tudo para baixo. Chegou-me a suceder muita vez.

INF2 Ah, isso chegou!

INF1 (...) Depois no outro dia, toca a gente a andar a apertar outros braços novos, e as velas rasgavam-se, pois prantávamos outras... Era uma vida pobre, pronto!

*INQ2 Pois.*

INF1 Mas naquele tempo usava-se aquilo.

INF2 Naquele tempo era assim.

*INQ1 Pois. E gostava?...*

*INQ2 Olhe...*

INF1 Eu gostava muito. Eu gostava. Eu gostava.

INF2 E naquele tempo, foi: a gente andámos à amassadura e já se governámos.

INF1 Fui criado...

*INQ2 Pois, pois.*

INF1 Fui criado de pequenino, fui criado (...) da idade de pequenino... Quando nasci começaram-me logo a ensinar a fazer farinha. Toda a vida (...) foi a minha vida foi fazer farinha. Depois aborrecia-me com o vento, falhava o vento; depois pus aqui uma moagenzica... Também já a escangalhei.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM24-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Castorino <b>Idade:</b> 66	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Cinira <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0507A <b>min:</b> 24:50-25:58	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Medidas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 24	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Diga-me lá aquelas medidas todas que tinha lá. Os nomes delas....*

INF1 Ai isso eram dez litros, cinco litros, dois litros, litro, meio litro; depois era tudo a unidade decilitro, tudo, tudo ali numerado...

INF2 Tudo. Tinha-as todas.

*INQ2 E não tinha nomes? Não tinha os nomes? Não tinham... Não chamavam alqueire ou décimo?*

*INQ1 Mas não dava?... Não tinha outros nomes, aqui, não se dava outros nomes, sem ser decilitro?*

INF1 Não, eram as medidas do litro.

INF2 Era alqueire, era: alqueire, meio alqueire, uma quarta, uma oitava... Era assim.

INF1 Era alqueire. Era alqueire. Olhe, os dez litros, os dez litros era um alqueire.

*INQ2 Ah!*

*INQ1 Sim senhor. E os cinco litros?*

INF2 Pois.

INF1 Os cinco litros, meio alqueire.

INF2 Meio alqueire. No fim era uma quarta.

INF1 E os dois litros...

INF2 Uma quarta. Uma quarta.

INF1 Era, era... (...) Os dois litros era uma quarta.

INF2 E no fim era uma oitava.

INF1 Depois era uma oitava que era o litro.

INF2 Era o litro.

INF1 Mas o litro já tinha que ser litro e meio para ser uma oitava.

INF2 Pois.

*INQ2 Pois.*

INF2 Era assim.

INF1 Ele tinha que ser litro e meio para ser uma oitava.

*INQ2 E não havia nada que chamassem o celamim?*

INF2 Não.

INF1 Não. Era um pequenino, muito pequenino, era o decilitro. Isso é que era um pequenino.

*INQ1 Claro.*

INF1 Mas tínhamos que ter aquelas medidas, senão os fiscais vinham lá e a gente não tinha aquilo, era um problema.

*INQ2 Pois.*

INF2 Erámos multados. Erámos multados.

INF1 Éramos multados.

INF2 Pois era.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF1 Isso tínhamos muita trapalhada daquilo. O que é agora já acabou tudo. Estragou-se tudo.

INF2 Agora é balança.

INF1 Mas tenho muito... Agora é tudo balança.

INF2 Agora é balança.

INF1 (...) Tanto que usam mais agora é tudo balança.

*INQ2 Agora tem é que se pôr umas, uns pesoziños por baixo da balança para aquilo pesar mais.*

INF2 É. [Risos] Sabe, ele não se pode roubar muito que o pessoal está muito instruído.

*INQ2 Pois é. Claro.*

INF1 Agora tiram três... Tiram aí três quilos ou quatro, aí uns três quilos por cento, aí a quatro por cento ou mais.

*INQ2 Já nem os ladrões se safam!*

INF2 Pois não. Agora já não.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM25-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Castorino <b>Idade:</b> 66	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Cirina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0507A <b>min:</b> 28:08-30:54	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 25	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

INF1 Tenho muita pena de não ter moinho. Muita!

*INQ1 Pois é.*

INF1 Olhe, antes queria ter... Preciso muito de dinheiro, que não o tenho, mas antes queria ter moinho que tinha cinco ou dez mil contos. (...)

INF2 É o dele. Ele foi lá nascido. Foi lá nascido.

*INQ2 Era a vida... Gostou!*

INF1 Era a minha vida. Era a minha vida.

*INQ2 Gostou!*

*INQ1 Mas é pena! Mas já não tem o sítio do moinho nem nada? Já não tem nada lá?*

INF1 Criei... Criei (...)... Ainda lá está. Criei cinco filhos...

*INQ1 E porque é que não?...*

*INQ2 De qualquer maneira, ele foi-se embora...*

*INQ1 Pois, pois.*

INF1 Ainda o lá podia utilizar.

*INQ1 Podia fazer. Comprava...*

INF1 Podia. Davam-me ordem para fazer isso. O que é (é) que

*INQ1 Pois é.*

INF1 isso era uma despesona agora! Um moinho daqueles, para colocar aquilo tudo como devia de ser...

*INQ1 Pois é.*

INF2 Pois é.

*INQ1 Mas se calhar pode é pedir um subsídio ou assim, não? Não há?...*

INF2 Eu acho que não. Cá não.

*INQ1 Para essas coisas do turismo, coisas assim, não?*

INF2 (...) Eu acho que não.

INF1 Eu acho que não.

INF2 Eu acho que não.

*INQ2 E resta saber se ainda haveria algum carpinteiro que conseguisse fazer umas, aquelas... Quem é que fazia? Era os carpinteiros que faziam isso?*

INF1 Eles já morreram quase todos.

INF2 Já, daquele tempo.

INF1 Há. Há por aí. Há artistas aí.

INF2 Não sei. Daqueles dentes que faziam para as entrosas não sei se haverá agora.

INF1 Há, há! Há ainda quem faça isso.

INF2 Não sei.

INF1 Há ainda quem faça isso. (...) Quebra-se um, tem que se fazer.

INF2 Às vezes (...)

*INQ2 Pois.*

INF2 partia um dente ou dois, lá ia ele direito ao carpinteiro para fazer os dentes para a entrosa.

INF1 Aquilo é... E ele cá viria. Ele, às vezes, (...)

*INQ1 Claro.*

INF1 aí de três (...), ou dez anos, ou cinco anos, aquela entrosa precisava de ser endentada, precisava de levar dentes novos.

INF2 Porque os dentes gastavam-se. Eles gastavam-se.

INF1 Tínhamos que ir buscar um carpinteiro para endentar lá isso,

*INQ1 Pois, pois.*

INF1 para endentar aquilo tudo de novo.

*INQ2 Era uma vida!*

INF1 Aquilo (...) eram vidas que eu gostava muito. (...) E levava muito boa vida! Levava lá muito boa vida, não fazia nada quase! A gente estávamos ali só então à espera do vento.

*INQ1 Não fazia nada! [Risos]*

*INQ2 Então mas não tinha que ir buscar a, a, as taleigas?...*

INF2 Ah, mas isso tinham eles um...

INF1 Tínhamos um criado, um carreteiro.

INF2 Os moleiros tinham sempre um carreteiro, não eram eles!

INF1 O moinho estava...

*INQ1 Ai não?*

INF1 O moleiro não podia desprezar o moinho.

INF2 Não. Os carreteiros é que têm uma vida ruim; agora os moleiros não.

INF1 A gente não podia desprezar...

*INQ2 Ah, tinham os carreteiros.*

INF2 Tinham!

INF1 Pois, tínhamos um carreteiro que andava a acartar.

INF2 Olha que eu lembro-me (um) pouco aquela vida! [Risos]

INF1 (...) Ora eu (...) estava sempre lá porque a gente não podíamos desprezar (...) o moinho.

INF2 Muito tempo, não.

INF1 O vento hoje estava daqui, (...) daqui a nada já estava dali, e se ele virasse e a gente lá não estivesse, quebrava o moinho.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF1 Dava-lhe por trás nas velas e as velas roçavam-se para diante, iam...

INF2 Isso dormiam lá grandes sestas!

INF1 Ia-se tudo embora! Ia-se tudo embora! Ai, isso dormi lá algumas!

INF2 Isso eram... Não! Olha, isso eram terrível... São terríveis para dormir os moleiros!

*INQ2 O barulho, o barulho até em-, embalá! Com aquele barulho, assim!*

INF2 E acostumavam-se. Estavam acostumados.

INF1 Ai, eu dormia à mesma lá com o barulho do moinho!

*INQ2 Claro, claro. Até serve para embalar.*

INF2 Estavam acostumados. É verdade!

*INQ1 Pois.*

INF1 Às vezes queria eu ir (...)... A gente tinha essas buzinos no moinho – chamava-lhe a gente os buzinos de cana...

INF2 De cana ou de (...) barro. Também havia os buzinos de barro.

INF1 Ou de barro. De barro quebrava-se o moinho e o barro ia logo todo embora; e os de cana não, caíam e não se quebravam. E se se quebrassem, a gente arranjava logo outros.

INF2 É, punham os buzinos.

INF1 Depois a gente quando (...) estávamos aqui em casa... Eu estava aqui e sabia se o moinho andava depressa, se andava devagar.

INF2 Ou não. (...) Com aqueles buzinos.

INF1 Com aquilo eu sabia se o moinho andava depressa (ou devagar).

*INQ1 Que engraçado!*

INF1 Às vezes abalava daqui a correr, andava a criar os garotos, cheguei daqui a abalar... Esta ia buscar carradas (...), com a carroça e o burrico, ia buscar uma carrada de milho, taleigos duns e doutros, às vezes mais de dez e vinte taleigos em cima da carroça, e eu ficava aqui a trabalhar e às vezes abalava com os garotos para o moinho. Eram vidas apertadas!

*INQ1 Pois, pois, pois.*

*INQ2 Claro.*

INF2 Ah, isso eram! Eram vidas apertadas!

INF1 E a gente abalávamos e íamos (...)... Eu ia para o moinho, depois ela ia lá ter com a carrada de milho, taleigos dos fregueses, e depois às vezes estava lá, outras vezes não estava lá. Pronto. (...) Passava-se assim a vida. Tinha que ser assim.

*INQ2 Sim senhor.*

INF2 Naquele tempo era assim.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM26-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cataldo <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 2ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0507B <b>min:</b> 00:20-04:21	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> As alfaias agrícolas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 26	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Era parecido com isso?*

INF Tinha tudo isto. Tudo isto.

*INQ2 Era o de garganta.*

INF Tudo isto.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Era tudo igual. Aqui é temão.

*INQ2 Era a parte da frente?*

INF O temão é a parte da frente, é onde puxava o gado.

*INQ2 E o temão...*

*INQ1 E o temão era inteiro ou era?...*

INF Era inteiro.

*INQ1 Era inteiro?*

INF Era inteiro. Mas havia quem 'emprastasse' e depois se fosse curto, faziam-lhe um bocado. Isso aí (...) já não foi bem no meu tempo. (...) Já era noutras terras. Não era aqui (...) nesta zona. Nesta zona era sempre inteiro. (...) Nunca era 'emprastado'.

*INQ2 Era a direito, não era? Era...*

INF Era assim curvado como este, mas era sempre inteiro. Não tinha pegamento.

*INQ2 Sim senhor.*

*INQ1 Sim senhor.*

INF Este já tinha levado um pegamento ali.

*INQ2 Rhum-rhum.*

*INQ1 Exacto. Pois.*

*INQ2 Essa parte curva...*

INF É aqui como este, olhe, está a ver?

*INQ1 Portanto, era curvo, era curvo... Mas este aqui é direito. Era curvo...*

INF Era curvo. Antigamente era tudo curvo. Estes eram todos curvos.

*INQ1 Pronto, o temão era curvo...*

INF Era curvo.

*INQ1 Mas era todo inteiriço.*

INF Pois.

*INQ1 Sim senhor.*

*INQ2 E não dava nome nenhum a essa parte curva?*

INF Hã?

*INQ2 Atr-, aqui esta parte curva?*

INF Não, não. (...) Era só aqui ao centro.

*INQ2 Sim senhor.*

*INQ1 É?*

INF É só aqui ao centro.

*INQ2 Pronto, está explicado.*

INF Ora bem, aqui é o temão. Isto daqui, como está aqui, (...) faz de conta que é a rabiça mas primeiro é (...) as partes formadas são estas: é aquela, e esta e aquela. Isto é acessórios que são postos depois.

*INQ1 Pois.*

INF Mas ao depois eu explico.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Aqui é o dente – chamava-se isto o dente, que (...) era o que furava na terra, o que lavrava.

*INQ1 O dois. Rhum-rhum.*

INF E aqui é o bico, que é em ferro; e aqui é a rabiça – chamava-lhe a gente, outros chamam-lhe o rabo, mas aqui é especialmente a rabiça –, mas esta parte aqui já é... Aqui chamava-se a teiró...

*INQ1 Três. Dez. Sim, este aqui.*

INF A teiró. Esta parte que enfia no temão e vem aqui abaixo chamava-se a teiró. Isto até, por acaso, esse elemento, (...) vai levar uma cunha para a apertar.

*INQ1 Aqui à frente? Está ali à frente?*

INF Está à frente. Esse elemento era pela frente mas, (...) no caso, (...) era sempre da rectaguarda,

*INQ1 Também podia ser por trás.*

INF não era da parte da frente.

*INQ1 Ah, está bom!*

INF Isto era a emenda que faziam (...) para o arado lavrar mais fundo ou menos.

*INQ1 Portanto, chamava-se uma?...*

INF Aquilo era para abrir, era para abrir.

*INQ1 Portanto, essa coisa que travava era uma quê?*

INF Uma teiró.

*INQ1 E a ou-...*

INF Isto ali é uma cunha.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF (...) Chamava-lhe a gente a cunha da teiró.

*INQ1 Sim senhor.*

*INQ2 E o, o...*

INF Se a gente queria abaixar... Por exemplo, queria o arado a lavrar mais fundo, dava nesta cunha para cima e alevantava o temão para cima, já ficava a picar mais fundo.

*INQ1 Sim senhor.*

INF E se queria mais baixo, desapertava a cunha (...) e abaixava-lhe o coiso, alevantava logo o bico para cima, ficava a lavrar menos.

*INQ2 E o temão onde é que encaixava no dente? Mesmo atrás?...*

INF É aqui no dente, aqui na rectaguarda, aqui atrás.

*INQ2 Mesmo onde fazia aquele cantinho?*

INF Sim. Mesmo ao mesmo (ângulo), precisamente como aquele.

*INQ2 Sim senhor.*

INF Este já está mais à frente, mas ele (pronto) a gente cá fazia assim, era mesmo aqui no canto.

*INQ2 E também tinha uma cunha para segurar ou?...*

INF Não tinha cunha nenhuma,

*INQ2 Não tinha cunha?*

INF porque (...) é um dente que é enfiado ao jeito que vem dali. Tanto que a fura já era feita assim, oh!, assim deste furo, deste jeito.

*INQ2 Rhã-rhã. Sim senhor. E encaixava ali.*

INF Pois era. Porque havia temões mais curvos e (havia-os) /havia outros\ mais direitos.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF E aqui são as aivecas.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Estas duas são as aivecas. Mas há aqui uma peça...

*INQ1 Sim, sim. Está aqui por dentro.*

INF Está por dentro. Isto chamava-se um mexilho.

*INQ1 Treze.*

*INQ2 Sim senhor.*

INF Chamava-se um mexilho àquilo.

*INQ1 Sim senhor.*

INF Que é o que amparava as aivecas dum lado e doutro.

*INQ2 Pois.*

INF (...)

*INQ1 E as aivecas...*

INF Varava aqui (...) o dente dum lado ao outro, e era uma peça só.

*INQ1 E as aivecas era aquilo que afastava a terra?*

INF As aivecas... (...) As aivecas (...)

*INQ1 Viravam o quê?*

INF é que largava, virava a terra. Isto (isso) vibrava e as aivecas é que voltavam a leiva.

*INQ2 Rhum-rhum. E à frente do dente?*

INF À frente do dente não tinha mais nada.

*INQ2 Já está?*

INF Não. Só dente.

*INQ1 Só tinha o fe-, aquilo?*

INF Só tem o ferro. É o bico, pronto.

*INQ1 O bico, pois.*

INF O bico em ferro. Até, sucessivamente, (...) ali para o lado do Alentejo, já havia arados destes.

Lavravam com arados destes, com dois burros.

*INQ1 Ah!*

INF Com dois jumentos.

*INQ1 Sim, sim, sim.*

INF Mas ele usava-se muito era para ali para o lado de Castelo Branco, onde cheguei a ver esse serviço.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Isso já não tinha bico de ferro. Era o próprio dente de pau que fazia a coisa. Porque era terra fraca, era terra leve –

*INQ1 Pois, pois, pois.*

INF é terra de areia, não é? –, o pau furava à mesma.

*INQ2 E aqui quando era terra mais dura, não era hábito de se pôr uma coisa assim à frente, que era para ir cortando a terra...*

INF Pois, aqui, é isto que está aqui, que ainda estava a faltar esta. Isto chamava-se a sega – uma sega –, que era que cortava a leiva (...), cortava o restolho à frente para não ficar tão apertado aqui.

*INQ1 Pois.*

INF Depois ia as aivecas a lavar, a voltar.

*INQ2 Sim senhor.*

INF Aquele já não tinha.

*INQ2 Rhum-rhum.*

*INQ1 Pois, pois.*

INF Podia ter, mas isto é um acessório. Tira-se e põe-se, quem quiser pôr. (Por exemplo), a gente tirava às vezes: ou se tirava a sega ou se punha. (...) Isso depende da terra que era para lavar.

*INQ1 Pois, pois.*

INF Mais, sucessivamente, mais nada.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM27-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cataldo <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 2ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0507B <b>min:</b> 22:22-27:46	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> As alfaias agrícolas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 27	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

INF É uma bucha. Depois o eixo, já sabe; (...) essa parte do eixo já sabe...

*INQ1 Também tinha a pontinha para segurar, não era? Que era como a?...*

INF Tem uma porca.

*INQ1 Ah, agora é uma porca?*

INF É como aquele tem. Está aqui.

*INQ1 Rhum. Estou vendo, estou vendo. Está ali aquela porca ali atrás.*

INF Não. Pois, tem aquela porca. Mas antigamente não era... (...)

*INQ2 Não era com porca, pois não?*

INF Antes que começasse aquilo como porca, era doutra maneira: era uma cavilha.

*INQ2 Pois.*

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Era furado o eixo aqui na ponta.

*INQ1 Sim senhor.*

INF E aqui tem (...) uma argola; essa é uma argola mais larga, que chama-se a boquilha. Chama-se a boquilha, que é (...) uma peça, uma argola, bem como tem aquela ponta daquele cubo, aquilo já se chama uma boquilha. As outras de lá são argolas e aquilo chama-se uma boquilha, porque é mais larga; e depois aquela boquilha até era, por acaso, era furada: tinha aqui um rasgo assim, assim, e a cavilha enfiava naquela argola, para baixo, para enfiar dentro do eixo, para a roda não sair para fora.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Isso (...) foi a primeira moda que se usou, salvo erro, nos outros tempos, como quando se começaram a usar carros destes. Depois já foi tudo... Já era tudo com porcas (...). Já é raro ver-se aí um (...) daqueles com cavilhas. (...) Eu já aqui cheguei a ter aqui alguns... Até, por acaso, as carroças do Estado, olhe, ainda

aí tenho um eixo desses. Dessas carroças do Estado, era tudo cavilhado; não tinha porca, era tudo com cavilhas.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Tudo. E aquela cavilha (...) depois levava um arame para não sair.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Esta parte (...) do carro volante é exactamente como o eixo de pau. Só nas rodas é que é diferente.

*INQ2 Pois, pois.*

INF Só. O mais não tem...

*INQ2 E tinha, tinha aquela parte ali também como a carroça tem, ali atrás, para encostar às rodas?*

INF Tinha, sim senhora. Aquilo chama-se uma tranca.

*INQ2 Uma tranca.*

INF É. Chama-se a tranca do travão. E os ferros que estão com aquilo chamam-se os pendurais.

*INQ2 Os pendurais? Aqueles que têm...*

INF (...) Os que estão a segurar a tranca.

*INQ2 A tranca.*

INF Chamam-se os pendurais.

*INQ1 Mas isso...*

INF A parte toda do travão é: à frente, nos ferros, (...) é os calços – são os calços de ferro que tem; tem (...) aqueles dois ferros por baixo, um que trava, (...) um que tem (...) um fuso, (...) onde puxa (...)... (...) Isto a carroça é diferente, (...) mas tem (...) aqueles dois ferros da parte de baixo, chamam-se as guias. São duas guias que tem, que é (...) para conduzir, para conduzir a tranca, está a compreender?

*INQ1 Para puxar?*

INF Mas isso os carros, isto era muito complicado aqui o travão já deles, quando se começaram a usar modas novas.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Começaram-se (...) assim a usar modas novas, já travava ali na ponta, mas antes era aqui de lado.

*INQ1 O travão...*

INF (...) O travão vinha aqui, aqui nestas duas guias assim, que é que vem aqui o travão, aqui assim, à tranca.

*INQ1 Pois as duas guias vinham à tranca, não era?*

INF Vinham aqui. Aqui leva um parafuso.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF E a outra vinha até aqui à mesma, tal e qual.

*INQ1 E depois havia assim uma coisinha para ir apertando, não era?*

INF É porque (...) fazem conjunto aqui as duas, aqui,

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF no centro disto.

*INQ1 Sim senhor.*

INF (...) Fazem aqui um conjunto, assim. Isto está a ficar redondo mas isso não importa.

*INQ1 Pois, é mais ou menos a direito.*

INF Mais ou menos (...) esta parte aqui. E faz aqui um conjunto. E aqui há uma peça, uma peça que (...) eu (...) nem me lembra já o nome dela – desse coiso do travão. É uma peça que liga a um tê – pois a um tê – que vem da cabeçalha, que vai daqui assim, da cabeçalha aqui à parte da mesa, a esta parte aqui, de lado, hum? Pois é (...) onde estas guias vão encabeçar isto. Há aqui (...) uma quantidade de peças, que isto leva aqui uma quantidade de peças. (...) E depois trava aqui de lado. Leva (...) uma manivela, leva aquele tê, faz isto, depois vem assim estas guias – as guias são isto – e daqui vem uma peça, que enfia assim daqui para aqui, onde trabalha um fuso, que tem rosca, para puxar estas duas peças. Mas aqui (...) ainda levava outra, outra peça, que engatava aqui. E ainda há aqui (...) uma peça que faz isto. Faz isto aqui, leva aqui uma argola e outras ali 'iguales' àquela. Isto é onde trabalha aqui o fuso. Eu faço-lhe ver aqui. Quer ver como é que era?

*INQ1 Ah, desculpe lá.*

*INQ2 Olha, deixa o senhor passar.*

INF Quer ver? Olhe, (...) quer ver aqui o que usamos? O que usamos aqui, olhe, era exactamente isto, olhe.

*INQ1 Pois, que era para...*

INF Isto trabalhava nisto... Isto trabalhava nesta posição assim.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Daqui, faz de conta que isto era a mesa do carro, aqui assim,

*INQ1 Sim senhor.*

INF faz de conta que isto era a mesa do carro,

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF isto era aparafusado à mesa, (...) e acolá no meio havia um outro buraco, numa ponta destas, que aquilo levava uma peça, uma meia lua ali torta, que era (...) para travar e poder puxar.

*INQ1 Para poder puxar. Sim.*

INF Isto é que travava.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Puxava (...) aquilo, aquela parte para cá.

*INQ1 É que se puxava para cá e puxava ali depois...*

INF Exactamente. O travão antigo era tudo exactamente isto.

*INQ1 Sim senhor.*

INF O que é que travava aqui assim deste lado.

*INQ1 Pois.*

INF Travava. E depois começou-se a usar... Já se começou a usar... À ponta do cabeçalho, (...) levava um ferro... Até, por acaso, ainda ali está um, olhe, ainda ali está,

*INQ1 Ai, aquele lá, que está deitado, sim senhor.*

INF aquele grande que está acolá. Passava à ponta do cabeçalho e travava lá adiante.

*INQ1 Ah!*

INF Que eram os travões mais 'fáceis' de fazer! Estes levavam muito trabalho a fazer! Tinha que levar ali muitos ferros ali!

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Pois é. (...)

*INQ1 Sim senhor.*

INF Era tudo assim. (...) Isto era muito complicado!

*INQ1 Pronto, mas então esses, se eu bem percebi, esses carros quando começaram a ter esse travão e a roda de raios chamavam-se carros volantes, era?*

INF Carro volante, é. (...)

*INQ1 Era exactamente como o outro, simplesmente o eixo já era...*

INF Era sim. O eixo já era (...) doutra maneira.

*INQ1 Sim senhor.*

INF Chamava-se carro volante porque já é um carro que qualquer pessoa rodeia sozinho. E o outro não era capaz.

*INQ2 Pois, pois.*

*INQ1 Pois.*

INF Era capaz mas era preciso (...) estragar muita força. Se fosse num sítio, (...) num pátio, onde houvesse muito mato, ajuntava uma mata diante dele... E aquela sabe-o bem também, que (...) ela também foi criada (...) na agricultura.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM28-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cataldo <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 2ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0508A <b>min:</b> 14:45-16:40	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> A casa de habitação: construção	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 28	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05	

INF A gente cá só lhe chamava cal mas o nome daquilo propriamente é 'cal-a-mato'.

*INQ1 E quando ele queria pôr o cimento na, na parede...*

INF Tem que ser morta... (...) É 'cal-a-mato' porque tem que ser morta antes de ser empregada.

*INQ2 Exactamente. Senão é cal viva.*

INF 'Cal-a-mato'. (...) Antes de ser morta, era cal viva, (...) não está morta.

*INQ2 É. Claro.*

INF Pois.

*INQ1 Rhum-rhum. Quando ele queria pôr o cimento na parede, portanto, segurava com uma t-, uma tábua que tinha uma mão?...*

INF Isso é uma talocha. Chama-se uma talocha.

*INQ1 Sim senhor.*

INF É (...)

*INQ1 E a talocha.*

INF a colher e a talocha.

*INQ1 E esse instrumento que eles usavam ou para partir a pedra ou para se tirar uma pedra do?...*

INF (...) Isso é isto que está aqui.

*INQ1 Tem duas pontas.*

INF Isto chama-se um picareto.

*INQ1 Um picareto.*

INF Um picareto. Mas (...) na França chamam-lhe um 'pioche'.

*INQ2 Ah, pois, um 'pioche'.*

INF É um 'pioche'.

*INQ1 Portanto, o picareto...*

INF Mas (...) em português é um picareto.

*INQ1 O picareto era de duas pontas, não era?*

INF É sim. É de duas pontas. É duas pontas, mas uma ponta é espalmada e a outra é em bico.

*INQ1 Portanto, é assim? Agora desculpe, veja se está bem.*

INF É. (...)

*INQ1 Portanto, uma é espalmada como esta, não é?*

INF É. E a outra é em bico.

*INQ1 E a outra é em bico?*

INF É em bico.

*INQ1 Chama-se o picareto.*

INF É.

*INQ1 Sim senhor. Portanto, o pedreiro trabalha em quê, em?...*

INF Trabalha com cimento, agora sucessivamente. Só cimento.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Trabalha agora tijolo... Agora não fazem paredes em pedra como estão aí essas casas minhas. (...) É tudo em tijolo,

*INQ1 Sim, sim.*

INF tudo em tijolo. (...) Tijolo e cimento. (...) O tijolo (...) é em barro, mas agora já passaram a fazer em blocos de cimento.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Agora já é blocos de cimento. Já é blocos. (...) É em cimento.

*INQ2 Pois, pois.*

*INQ1 E, quando eles estão a fazer agora uma estrada nova, costuma haver umas máquinas que mói a pedra para... Não é?*

INF Ai, isso (...) já mete pedreira, (...) já fábrica.

*INQ2 Pois.*

*INQ1 Sabe como é que se chama aquela que é para fazer... Aquela pedra moída como é que se chama?*

INF O que for moída, (...) bem moída, isso ele (...) tem vários nomes. Aquilo chama-se cascalho, (...) outros chamam-lhe brita de primeira, há brita de segunda, há brita de quarta... Quanto (...) mais forte é o número, mais grossa é.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM29-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cataldo <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 2ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0508A <b>min:</b> 23:02-23:56	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> O carpinteiro	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 29	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Ah, o que eu queria perguntar era: quando se ia abater uma árvore, havia uma outra serra que tinha duas mãos, uma de cada lado, com uma folha assim grande.*

INF Ah!

*INQ1 E um, um estava com uma mão, outra...*

INF Isso (...) é um serrote. Isso é um serrote inglês. Chamava-se então um serrote inglês. Tem (...) um pega-mão em cada ponta.

*INQ1 Exacto.*

INF Que é onde se pegava com as mãos, ambas duas, não é?

*INQ1 Podia ser com duas ou então com uma.*

INF (...) Ou só com uma. Mas era sempre com as duas sucessivamente.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Aquilo chamava-se as chavelhas.

*INQ1 Onde se pegava?*

INF Onde se pegava chamava-se a chavelha.

*INQ1 Queria ver se tinha aqui o desenho. Portanto, ele chama-se, chamou serrote também?*

INF Serrote.

*INQ2 Serrote é aquele comprido com duas pegas?*

INF Chamava-se a gente o... Chamava-lhe um serrote inglês. É que (...) aquilo é inglês. Aquilo era feito na Inglaterra, não era cá. E depois tinha aquelas duas chavelhas na ponta, uma em cada ponta, onde a gente puxava. Ele havia de haver aqui um...

*INQ1 Que era uma folha assim comprida?*

INF Uma folha larga e comprida, aí com um metro e tal, quase dois metros de comprimento.

*INQ2 Rhum-rhum.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM30-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Cataldo <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> 2ª classe
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0508A <b>min:</b> 24:57-25:26	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 30	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ O senhor é conhecido por Cataldo Ceciliano?*

INF Sou.

*INQ Mas não é o seu nome?*

INF Não. O meu nome é (...).

*INQ Então?*

INF O meu nome é Cataldo Catão Catarino.

*INQ Mas normalmente as p-...*

INF Mas (...) normalmente aqui conhecem-me... (...) Nem me sabem o meu nome!

*INQ Pois.*

INF "Olha, vamos a casa do Ceciliano"! Pronto. "Vamos a casa do Ceciliano".

*INQ Porquê? Porque é que é esse nome?*

INF Porque (...) já vinha dos meus bisavós.

*INQ Ah!*

INF (...) Já o avô do meu pai já era Ceciliano e depois aquilo (...) já é uma (...) geração muito grande.

Depois (...) nunca perdemos o nome de Cecilianos.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM31-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Celestino <b>Idade:</b> 62	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0508B <b>min:</b> 00:07-05:31	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 31	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

INF No meu tempo havia mais de madeira e noutros tempos.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Mas depois a coisa foi modificando, modificando e começaram a passar a fazer em pedra.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Isto é muito antigo.

*INQ1 ... Pois.*

INF Isto é muito antigo, senhor.

*INQ1 E por aqui o senhor é o único que mói, não é?*

INF Sim, sou eu só agora é que estou a moer. Num tempo, isto era tudo de família. Mas a vida modificou e isto também não é rico e depois pararam. Parte deles estão abandonados.

*INQ1 Sim senhor.*

INF Agora só eu é que estou a funcionar ainda.

*INQ2 Mas estes do lado também são seus?*

INF Não são. Eram de família. Um é dum cunhado e outro era do meu pai, mas vendeu-o já há uns anos para a comissão de turismo de Leiria.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Sim, sim. Pertence à comissão de turismo.

*INQ2 Pois.*

INF Aquele mais caiadinho. Mas não funciona.

*INQ2 Mas não funciona! Eles não o puseram a funcionar!*

INF Não. Ele não o puseram a funcionar. Compraram e aquilo abandonou-se e está assim.

*INQ2 Pois é!*

*INQ1 Eu queria-lhe perguntar era: dava algum nome à mó que era para moer o trigo?*

INF É a mó alveira, que é aquela que está desmontada.

*INQ1 E as outras eram as mós de?...*

INF Estas são as mós de moer o milho. Se nós pusermos trigo nestas mós, o pão fica escuro; e se puser (...) o mesmo trigo naquela mó, já fica branquinho. A mó é diferente. (...) Chama a gente aquela mó a pedra alveira.

*INQ1 A pedra alveira. Que é o tipo de pedra?*

INF Isso. Tipo pedra lioz, ou espécie de pedra lioz.

*INQ1 Rhum-rhum. E então e todas vinham de Poiares?*

INF Não, não.

*INQ1 Não?*

INF Aquelas vêm das grutas de Santo António. E estas vêm de Vila Nova de Poiares. É uma espécie dum granito muito rijo.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF (...) Esta é encarnadinha, é da cor de cravo, e o poiso é branco. E esta é branca e o poiso já é encarnado. É do banco das mós que (ele) /lhe\ tiram, naqueles tempos, não é?

*INQ1 Pois. E normalmente uma mó dessas dá-lhe para quantos anos?*

INF Isso dura muito! Esta mó anda aqui a moer já desde o ano de 1925.

*INQ2 Tchiii!*

*INQ1 1925, imagine!*

INF Isso já não acaba, isso dura-me o resto...

*INQ1 Então o senhor ainda não foi comprar nenhuma lá...*

INF Nada. Absolutamente nada. Estão aqui mós para quem quiser vir! (...)

*INQ1 Quem faz as mós não tem bom negócio!*

INF Não tem bom negócio! Isto dura muito, senhor! Dura muito!

*INQ1 Olhe, já agora, se não se importa, o seu nome?*

INF Celestino.

*INQ1 E é aqui da?...*

INF Sou aqui mesmo (...) da povoação, desta povoaçãozinha.

*INQ1 Como é que se chama este local aqui?*

INF Aqui chama-se os Moinhos da Fazarga.

*INQ1 Fazarga?*

INF Fazarga. (...) Tem este nome por toda a parte, sei lá, por toda a parte do mundo quase.

*INQ1 É?*

INF É, os Moinhos da Fazarga.

*INQ2 Portanto, a Moita Redonda não é aqui?*

INF A Moita Redonda é aquela povoaçãozinha ali.

*INQ2 Que é onde o senhor vive?*

INF Sim, eu vivo já aqui em baixinho, aqui perto. Mas eu fui nascido e criado nesta povoação à frente, chamado Loureira.

*INQ2 Ah! A gente passa por lá.*

*INQ1 E o senhor sempre morou, sempre viveu aqui? Trabalhou aqui?*

INF Sempre vivi aqui com os moinhos, já do tempo dos meus pais e de meus avós até, que os meus bisavós até já foram moleiros. Isso é uma tradição muito antiga que já vem de longe! Por isso é que nós vamos sempre mantendo.

*INQ1 Claro.*

INF Vamos sempre mantendo, com certeza.

*INQ1 E aqui sempre foi tudo moinho de vento? De água nunca houve? É só lá para baixo...*

INF Tudo moinhos de vento. De água aqui (...) não há. Só moinhos de vento, pois é.

*INQ2 Olhe, o milho é sempre milho branco ou também?...*

INF Sim, também há amarelo. (...) Também moemos amarelo. Tenho lá amarelo em casa, mas em geral trabalhamos mais com o milho branco que amarelo.

*INQ2 Pois.*

INF Depende das áreas, das zonas.

*INQ2 Pois, pois, pois.*

*INQ1 E a sua idade?*

INF Sessenta e dois anos.

*INQ2 Ainda é novo!*

*INQ1 E como, como é que é do milho: as pessoas vêm trazer ou o senhor é que vai buscar?*

INF Nós vamos buscar e levar. Mas geralmente também vem muita gente buscar, pois vêm trazer e depois levam. Mas, geralmente, nós temos uns dias marcados para dar aquela volta. Num tempo andávamos com o gado mular, carroças, hoje já é um tractorzinho. Vamos dar aquelas voltas. Tal dia vamos para a tal povoação, levamos uma carrada, pois trazemos outra de cereal; tal dia é para outra parte... E outras pessoas também aqui vêm: trazem um saco de milho, querem levar logo a farinha, a gente tem farinha, levam logo. Depois tiramos um desconto para nós. É um tanto da maquia –

*INQ2 Qual é?*

INF chamamos nós. Por exemplo, (...) cada dez quilos (...) que nos mandam, a gente tira dois e meio para nós.

*INQ2 Chama-se como?*

INF A maquia. Ele dantes tirávamos um quilo, depois passou a dois quilos, e agora então, este ano entrou – como a vida também está tudo muito caro, mas nós também não queremos deixar o cliente sem nada –,

*INQ2 Claro.*

INF estamos então a tirar dois quilos e meio (...) por dez. Vêm dez quilos, nós mandamos sete e meio de farinha.

*INQ1 Pois. E que nome é que se dava àqueles sacos de farinha que se levava ou que se iam buscar?...*

INF (...) Os taleigos. Taleigos. Um é grande, outro é pequeno, outro é mais pequeno, é vários... Tanto que aí em baixo tenho aí taleiguinhos pequenos e grandes.

*INQ2 Pois.*

*INQ1 E, e antes, quando fazia a medida, fazia ao litro ou fazia ao alqueire?*

INF É ao quilo. Tudo ao quilo.

*INQ1 Tudo ao quilo?*

INF Tudo ao quilo. Levamos o taleiguinho à balança, a balança o que marcar nós sabemos fazer o desconto, tiramos o desconto para nós, (isso) toca a andar. Mas antigamente, os meus pais era tudo à maquia. Era uma medidazinha que tinham de propósito ao pé da mó e um saco. E aquilo era a medida. (Acaculavam) /Ele calculavam\ o alqueire, tirava-se aquela medida, para fora, da maquia.

*INQ1 Portanto, calculava-se o alqueire e tirava-se o?...*

INF Isso.

*INQ1 E aquela, e aquela medida tinha algum nome?*

INF Aquela medida tinha a medida de um litro, de um litro e meio, dois litros, assim. Tanto que ainda temos essas medidas mas não usamos já.

*INQ2 Pois.*

INF Não usamos.

*INQ1 É tudo agora ao quilo.*

INF Tudo ao quilo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> MTM32-N	
<b>Localidade:</b> Moita do Martinho <b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Batalha <b>Data:</b> Fev.94
<b>Informante1:</b> Celestino <b>Idade:</b> 62	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1L0507_08 <b>faixa:</b> 1L0508B <b>min:</b> 06:04-10:49	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Normalizada <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 24 <b>faixa:</b> 32	<b>Data da primeira transcrição:</b> Fev.04 <b>Data da revisão final:</b> Jan.05

*INQ1 Aquilo que se, que cá está em baixo é um quê?*

INF Um 'joeirador'.

*INQ1 Rhã-rhã.*

*INQ2 E separa o grão em?...*

INF Separa o trigo por um lado, o 'falhido' para um lado...

*INQ2 O?...*

INF O 'falhido'. O mais 'falhido', o mais miúdo,

*INQ2 Sim, sim.*

INF para um lado, o mais grosso para outro, e separa as sementes para quatro partes.

*INQ1 Porque é que?... Qual é a diferença entre as quatro partes?*

INF É lá dentro. Tem (...) umas palhetas, chama a gente.

*INQ1 Mas é, separa melhores para um lado e piores para outro, ou?...*

INF (...) As mais miúdas para um lado, as mais grossas para outro,

*INQ1 Tchii!*

INF separa aquilo tudo.

*INQ2 E depois mói primeiro o maior, é?*

INF (...) Depois mistura-se o trigo todo e vai todo para as mós.

*INQ2 Ah! Aquilo é só mesmo para limpar e depois...*

INF É só para limpar o trigo, para não ir uma pedra, para não ir um arame, para não ir uma má semente, para nós comeremos as farinhas em condições.

*INQ1 Claro.*

*INQ2 E aquele... Agora no outro lá de baixo, que não tem aqui neste, que tem um pano que era para a farinha não...*

*INQ1 Ao pé do farinheiro, por cima?*

INF Sim. (...) O farinheiro é antigo ainda.

*INQ1 Sim, sim.*

INF Fica lá em cima. Mas eu quero-a passar... Quero-a passar também cá para baixo.

*INQ2 Pois. E dá algum nome àquele pano?*

INF Chamamos um avental.

*INQ1 Um avental.*

INF Sim senhora.

*INQ2 Não há nenhum nome... Já está tudo...*

INF Tudo! Não há nada que não tenha o seu nome.

*INQ2 Portanto, e o relho era este aqui debaixo?*

*INQ1 A re-...*

INF É o relho, o relho, sim.

*INQ1 O relho.*

INF É esta travessazinha aqui. É isto. Isto chama-se os prumos, estão apumados.

*INQ1 Sim.*

INF Mas isto já se chama o relho.

*INQ1 O relho. E aqui aquela pedra, aquela coisinha de ferro que está ali?*

INF Aquilo chama-se aqui... A gente chama-lhe o copo, outros chamam a rela. Depende (...).

*INQ2 Mas o nome... O senhor chama copo aqui?*

INF A gente só chamamos... Temos mais o hábito de chamar o copo.

*INQ1 E este coisinho que enfia na, no copo? Esse que gira no...*

INF Chama-se o veio. Isto chama-se veio.

*INQ2 Veio. Que é o que vai para cima, está bem.*

INF Vai lá para cima, para a mó.

*INQ1 Sim senhor. Está bem.*

INF Pois é.

*INQ1 Mas tem os seus moinhos...*

INF Tudo tem o seu nome.

*INQ2 Portanto, tinha aqui os prumos, e aquele ali do meio, dá-lhe algum nome, ou dá-se?...*

INF (...) Chama-se também prumos.

*INQ2 Na mesma. Chama-se tudo é... A que segura essa entrosa de fora...*

INF (...) Tem tudo conjunto. (...) Isso já se chama as vigas do moinho, as vigas.

*INQ2 Onde está o solho.*

*INQ1 As vigas, porque é onde está o solho, não é?*

INF Pois. Tudo tem o seu nome.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Mas esse está muito bem conservado.*

INF Está. A gente conserva,

*INQ1 Pois é.*

INF a gente conserva.

[corte na gravação]

INF Vou buscar um (moçoquinho). Quero arrumar isto para trazer vários taleigos da minha casa para aqui, porque isto está tudo cheio.

*INQ2 Já está tudo cheio. Já tem bastante aqui, pelo menos.*

INF Pois tenho. Até trago para aqui taleiguinhos pequenos.

*INQ2 Pois.*

*INQ1 Sim senhora.*

*INQ2 Sim senhor.*

INF É a vida antiga!

*INQ1 É mesmo. Mas olhe que faz muito bem em, em conservá-la enquanto puder.*

INF Sim, enquanto a gente puder, vamos andando.

*INQ1 É. É porque... Pois.*

*INQ2 E nenhum dos seus filhos quer pegar nisso?*

INF Eu não sei. Eles não sabem o que querem. Esta gente nova hoje não sabem o que querem.

*INQ1 Pois é.*

INF Mas também não é rico.

*INQ2 Mas há algum que mostre interesse, ou não?*

INF Como?

*INQ2 Algum mostra assim mais interesse?*

INF Sim, alguns mostram. Eles mostram. Dizem para não acabar. Um dia há sempre quem pegue, não é?

(...) Dentro de quatro, mal é que não haja um que não fique a tomar conta.

*INQ1 Mas eles sabem ajudá-lo já alguma coisa?*

INF Sabem, sabem. Eles sabem. Se eles quiserem, sabem.

*INQ1 Então, pronto!*

*INQ2 E o vento já é mais barato, não é?*

INF Sim, o vento sai barato. (...) Eu em minha casa tenho lá uma mó que trabalha eléctrica,

*INQ2 Pois.*

INF quando é que aqui não dá, para nós desenrascarmos farinha. Mas o fim do mês vem e a conta vem maior.

*INQ1 Claro.*

INF E aqui não, o vento é de graça.

*INQ1 Claro.*

INF Isto também não é rico. Aproveitamos o vento, não pagamos luz.

*INQ1 Claro. Olhe, e aquele de madeira, o senhor tem que conservar aquilo...*

INF Sim, sim.

*INQ1 Volta e meia tem que lhe dar alguma coisa?...*

INF Volta e meia, tem aquelas tábuas em volta, leva novas. Mas dura muitos anos também.

*INQ1 Dura muitos anos?*

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF A água cai, escorre logo e depois não apodrece a madeira.

*INQ2 Não apodrece.*

*INQ1 Sim, há muito vento sempre aqui, portanto, também seca...*

INF Pois. Aquilo é muito antigo também, é um moinho já muito antigo.

*INQ2 Pois. Agora, eu acho... Lá em cima o senhor disse, mas também se chamam dentes a estes?*

INF Também chamam os dentes dos carretos.

*INQ2 À mesma coisa?*

INF Sim senhor. Isto dura sempre cinquenta anos a trabalhar.

*INQ2 Mas que tipo de madeira é esta?*

INF É de azinho, azinheira.

*INQ2 Tudo?*

INF Tudo. Que é a melhor madeira. Nem carvalho, nem sobre presta para isto.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF É o azinho ou então oliveira brava. É a melhor madeira. E nós quando queremos colocar a madeira para isto, cortamo-la, e depois convém secá-la à sombra – sempre à sombra, aí dois anos, sempre à sombra, para ela secar assim (...).

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF Depois fica então muito rija e dura então muitos anos.

*INQ2 Pois. E se há algum problema com isso, o senhor desenvencilha-se sozinho, ou é algum carpinteiro?...*

INF Eu faço. Eu desenrasco-me.

*INQ2 Desenrasca?*

INF Desenrasco, sim. Mesmo eu é que coloquei isto já faz quatro anos para Setembro. Andavam aqui dentinhos já desfeitos, meti-os...

*INQ2 Já gastos, não é, que se vai gastando.*

INF Já gastos. Eu é que fiz isto tudo. Está esse senhor aí

*INQ2 Pois.*

INF que ele (...) sabe bem disso.

*INQ2 Rhã-rhã. Sim senhor.*

*INQ1 É. Está muito, está muito bem conservado.*

*INQ2 Está muito bem. Esse está muito bem. Sim senhor.*

[corte na gravação]

INF Há muitas vezes que eu me esqueci parte deles. (...) Há, por exemplo, há o sarilho como eu lhe disse há bocadinho...

*INQ2 Que é para puxar...*

INF Há lá uma peça em cima, só um bocadinho de madeira, que é assim deste comprimento, mas madeira também muito forte, onde está com esta... Esta árvore vai engatar lá em cima numa peçazinha, chama-se a raposa.

*INQ2 Mas quem...*

*INQ1 Quem...*

INF Encontrámos esses nomes assim.

*INQ2 Mas essa tábuia está, essa peça está aonde?*

INF Está lá em cima.

*INQ2 Mas mesmo no fim da árvore?*

INF Sim, sim. Sim.

*INQ2 Então eu vou ver essa peça a ver se eu percebo...*

INF Tem o buraquinho e tem (...) um ferro (...) lá metido dentro, que anda lá com a força toda.

*INQ1 Sim, sim.*

INF Chama-se essa peça a raposa.